



ANIMA LÍRICA

viagens com a personalidade artística da paisagem

Alexia Sera

Mestrado em Arte e Design para o Espaço Público
Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto

Orientação. Dra Rita Emanuela Rainho Brás
2019 | 2021

RESUMO

Em consonância com a atribuição de personalidade jurídica a elementos da paisagem, nomeadamente a rios, este trabalho propõe enfim o reconhecimento da personalidade artística da paisagem, i.e. compreendê-la enquanto figura atuante e copartícipe do processo criativo.

A ferramenta etnográfica audiovisual serviu como veículo de aproximação da autora junto à paisagem rural, inicialmente através dos saberes populares ancestrais, onde, mandragoricamente, logrou registrar, ao norte de Portugal, testemunhos de quatro pessoas do artesanato, agentes símbolo de resistência e ressingularização a continuar a desafiar o tempo no decurso da história.

Anima Lírica é o despertar da alma poética que transita por pulsações do psiquismo universal em novas sociabilidades para, por fim, adentrar os labirintos da essência interior.

Palavras-chave. personalidade artística da paisagem | paisagem atuante | anima lírica | artesanato

ABSTRACT

In line with the attribution of legal personality to landscape elements, namely rivers, this work proposes the recognition of the artistic personality of the landscape, i.e. understanding it as an active figure and co-participant in the creative process. The ethnographic audiovisual tool served as a vehicle to bring the author closer to the rural landscape, initially through popular ancestral knowledge, where, mandragorically, she managed to record, in the north of Portugal, the testimonies of four artisans, symbolic agents of resistance and bringing back uniqueness to continue to defy time in the course of history.

Anima Lírica is the awakening of the poetic soul that travels through pulsations of the universal psyche into new social manifestations to, finally, enter the labyrinths of the inner essence.

Keywords. landscape artistic personality | landscape in action | lyric anima | craftsmanship

Notas: Os registros e experimentações associados a este texto, bem como outros projetos desenvolvidos durante o mestrado estão disponíveis no Blog dos Alunos:

<https://studentsdropwork.com/2020/12/10/alexia-sera/>

Todas as traduções de citações em língua estrangeira para o português foram realizadas pela autora, estando o original em nota de rodapé.

ÍNDICE

- 5 AGRADECIMENTOS**
- 6 GLOSSÁRIO DE TRILHAGENS**
- 12 INTRODUÇÃO**
- 14 *diagrama de conteúdos*
- 16 *esquema metodológico*
- 26 I. RIZOMA**
- 27 *aflorar o intimismo e engolir a alma*
- 28 *'o mundo concebido por quem nele habita e viaja pelos caminhos que os ligam' entre espaço público e paisagem*
- 31 *personalidade artística da paisagem de objeto a sujeita de direitos*
- 37 II. MANDRÁGORA**
- 38 *artesanato (de)coração singularidades horizontais das artes*
- 41 *'verde que te quero verde' etnografia visual no norte de Portugal*
- 47 *'veio aqui esta senhora, veio m'aqui filmari.' notas etnográficas*
- 57 III. CAMINHOS PARA ANIMA LÍRICA**
- 58 *mapa de referências de artistas*
- 63 *metapoemas de interação simbiótica com a paisagem ações artísticas*
- 73 CONFESSO QUE VIVI**
considerações finais
- 79 REFERÊNCIAS**
- 86 LIVRO DE PROJETO**

*Transforma-se a artista na paisagem retratada
e a natureza a tomar a direção de suas mãos
sem mais saber
quem é inspirada e quem é inspiração ¹*

¹ Adaptação do soneto de Camões 'Transforma-se o amador na coisa amada/ por virtude do muito imaginar'

AGRADECIMENTOS

Intenso e contínuo processo de experimentações, conjuntamento de conhecimentos, inquietações anímicas, multiplicidade de relações e viagens; nada de tudo isso tem uma única autoria. Qualquer palavra que se procure não poderá por certo expressar em completude a intensidade do sentimento de gratidão que carrego; em sumário simplificado por demasia, sirva os seguintes parágrafos para valorizar individualidades que direta ou indiretamente construíram os elementos de singularidade deste trabalho.

Pelo incentivo, encorajamento e sensibilidade que apontam possibilidades mais que direções, campos abertos a conhecer mais que caminhos traçados, em plena conexão, generosidade e competência. Por conseguir não me desorientar, obrigada, querida Rita.

Pela valiosa parceria e companhia em viagens oníricas, carinhosa simbiose cujo aconchego do ombro é acalanto maior que a mais doce luz do luar. Muito obrigada, querido Rafael.

Pela fonte infindável de amizades e divagações, resistência caótica que vai decifrando sua ordem a cada geração; pela desminimização e por (des)construir o mundo de uma forma mais justa e demorada, pois, assim é o amor. Obrigada, queridos amigos da Real República do Bota-Abaixo.

Por não deixar acabar (n)a antiguidade os saberes populares ancestrais que me transmitiram nos calorosos encontros. Obrigada, querido(a)s mestre(a)s de singularidades, Jorge, Cecília, Domingos e Rosinha.

Pelo despertar, pela indomabilidade, pelas travessias transcendentais cujos descaminhos permitiram-se fluir em gorjeios poéticos. *Anima Lírica*, muito obrigada.

Pelo desconjuntamento da zona de conforto, por abraçar as inquietações, pela troca afetuosa que consola e o cuidado para não engasgar com o silêncio. Obrigada, queridos MADEP.

Pela âncora etérea sinérgica e sempiterno impulso e parceria em divaganeios e deambulírios cuja energia atravessa fusos horários. Obrigada, queridíssimos Mipa Raia.

GLOSSÁRIO DE TRILHAGENS.

Este glossário evidencia a consciência da dificuldade de desconstrução e questionamento dos regimes de verdade que edificam o pensamento e ações; notabiliza ainda a prisão das próprias dicotomias da linguagem comunicando com caminhos de alguns autore(a)s que se cruzam simbioticamente ao longo da viagem deste trabalho.

ALTERIDADE. Tudo aquilo que não sou eu, mesmo que seja o outro eu (alter ego). É a partir do outro que o eu pode ser entendido. São antíteses a construir e compartilhar territorialidades. Se por um lado a alteridade parece fazer parte de um espaço de dicotomia entre eu e outro, na relação entre ambos, o movimento de deslocação que acontece para escuta do desconhecido, transforma e contamina cada uma das partes. É nesta confluência que alteridades podem se transformar, derivar, aglutinar ou bifurcar; ambiente propício para novas configurações e protagonismos. Ou seja, constato um processo contínuo de mudanças nas relações de singularidade e sociabilidade.

ANIMA LÍRICA. Anima reflete a alma do ser; lírica porque intimista. Uma visão poética em toda sua expressividade a tomar conta do existir; pode ser entendida como o despertar da alma poética em anseio por novas sociabilidades em animismos compartilhados.

ANIMISMO. Utilizo este termo no texto em seu significado mais abrangente, ou seja, uma qualidade de tudo aquilo dotado de energia e individualidade; derivando daí uma gama de sensibilidades, sentimentos, espiritualidades, interações e simbologias. Guattari estava convencido de que o animismo, longe de ser um retorno ao irracionalismo, era uma forma de superar e neutralizar os dualismos ontológicos da modernidade que se tornaram fontes dos muitos problemas contemporâneos, políticos, ecológicos, sociais, científicos e estéticos. “A fim de honrar a criação de conexões, de protegê-las contra os modelos e normas, pode ser necessário empregar um nome. O animismo poderia ser o nome atribuído a essa arte rizomática.” (Stengers, 2017:15). A personificação dos elementos da paisagem para a prática artística da estética relacional: vislumbro uma nova vertente a ser trabalhada no campo anímico. É possível, assim, deslocar para o *timing* de pós-produção toda a des-arrumação desenvolvida pelos elementos da Natureza como parte do público a se relacionar com a obra.

ARTESANATO. Herança de saber fazer manualidades para a criação de peças em simbiose com os elementos da paisagem natural, saberes populares que perdem visibilidade - e se perdem - no contexto maquínico da contemporaneidade. Mandragoricamente, como um anseio pelo resgate às raízes da manualidade e da matéria prima, busco a singularidade de cada toque, de cada alma, de cada experiência criativa, transformando o invisível em paisagem.

BAUMANIANA, VISÃO. O sociólogo Zygmunt Bauman focou seus estudos nos múltiplos aspectos da sociedade contemporânea, mas principalmente nas novas formas de sociabilidade. Flexibilidade cada vez maior das relações passa a gerar imprevisibilidades e uma fragilização dos laços humanos; por conseguinte, níveis maiores de insegurança. Na obra ‘Amor Líquido’, o autor procura apreender de qual forma o indivíduo sem vínculos se insere socialmente e como aprende a lidar com a alteridade.

BIOSFERA. Consiste em todos os ecossistemas onde se desenvolve a biota; além desta inclui os compartimentos terrestres (litosfera) com os quais interage a biota. Também chamada de ecosfera ou ‘esfera da vida’.

BRIÓFITAS. Plantas basicamente terrestres, de tamanho reduzido, encontradas em regiões úmidas e sombreadas. Musgos e hepáticas são suas representantes.

COSMOGONIA. Explicações sobre as origens de tudo, universo e os diversos mundos planetários e suas relações. Sentido da vida humana; suas relações com entidades não humanas; uma maneira de entender correlacionando o material e espiritual/animista.

CRISÁLIDA. Fase de transição por que passam os lepidópteros (referente a presença de escamas nas asas) da transformação da lagarta em borboleta. Simboliza reconfigurações, ritos de passagem, transições, transitoriedades, transitividades, em trajetórias poéticas. “*L’effet papillon*” aplica-se também à condição desta autora.

DESINDIVIDUAÇÃO. Retirada do caráter humano para os componentes da Natureza posto que desprovidos de pensamento, atributo supostamente inerente ao ser humano.

DECOLONIZADORA, CONCEPÇÃO. As culturas moderna e contemporânea adotaram a concepção vertical com a imposição dos detentores do conhecimento, os ‘conhecedores’, sobre todos os demais componentes do conjunto biosfera-litosfera, em tese, desprovidos de cultura. A concepção decolonizadora propõe retirar da animalidade e da barbárie toda a fundamentação para a continuidade dessas ações, para então investir na civilidade e no humanismo, modelo calcado na educação e novas relações com a cultura.

DESTERRITORIALIZAÇÃO. Perda da geografia física ou espaços geopolíticos; enfraquecimento da dimensão espacial no contexto social; espaços físico e/ou metafísico invadidos ou cedidos. Segundo Deleuze-Guattari, o pensamento faz-se no processo de desterritorialização na medida em que pensar é desterritorializar. Assim, o pensamento só é possível na criação e, para se criar algo novo, é necessário romper com o território existente. A pessoação (reconhecimento de sua cidadania) da paisagem na sua vertente artística parte, portanto, da ideia do ineditismo dentro de uma conjuntura de praticar ações inventivas de meditações filosóficas, ao criar esta personagem conceitual.

DETERMINISMO SOCIOLÓGICO. Modos de pensar, ações e comportamentos humanos derivados do contexto social em que os indivíduos estão imersos e, assim, inseridos. A sociedade, sob a batuta cada dia mais onipresente do Estado, forma e molda suas pessoas cidadãs.

‘EARTHWORKS’. Fez parte de um movimento de arte conceitual mais amplo nascido entre as décadas de 1960 e 1970 nos EUA do norte em contexto de contraculturas; rupturas comportamentais tais como os *hippies*, protestos contra a Guerra Fria, a Guerra do Vietnã e contra o racionalismo, aliados à mobilização social pelos direitos civis afro-americanos, pelas causas homossexuais, sem contar a segunda onda do movimento feminista; tudo isso compunha um cenário de efervescência sociocultural que clamava por mudanças radicais no pensamento vigente. Além das crises energética e política internas e externas ao lado da primeira fotografia do planeta Terra vista do espaço sideral, que eclodiu na expressão de uma insurgente sensibilidade ecológica no sentido oposto das instituições museológicas e galerias. Assim, essa estética é feita moldando a paisagem utilizando materiais naturais encontrados no local.

ECOSOFIA. Prática ético-política de Felix Guattari abordando três ecologias: ambiental, social e subjetiva. Compartilho com este autor a necessidade premente de buscar novas práticas políticas sob a égide da ética no sentido de libertar o indivíduo e as sociedades do maquinismo e da dessingularização ao qual estão atreladas.

EXPIRAÇÕES. A metodologia adotada neste trabalho segue o formato e a dinâmica do ato de respirar - vital - entremeada a meditações. As expirações desdobram-se em ações experimentais em formatos variados, de desenhos, pinturas e edições audiovisuais. Um exercício de expressividade, que culmina em ações artísticas de relacionar, semear e tecer. Gestos poéticos em práticas de manualidade.

GAIA. Referente à Hipótese de Gaia, teoria que defende o planeta Terra como um organismo vivo onde atmosfera, criosfera, hidrosfera e litosfera são interdependentes formando um complexo sistema sinérgico e autorregulado, proposta por James E. Lovelock em 1972 em colaboração com Lynn Margulis. A “terra-viva” enquanto “figura transcendente que nos impele a pensar meios de contratranscendência” (Sztutman, 2018: 343). Em Gaia, atualmente, somos consumidores, não cidadãos, cupins a devorar toda a estrutura da casa que sustenta os seres humanos e lhes dá abrigo. Na visão xamânica de Davi Kopenawa, o buraco de ozônio é ferida no céu.

GOYA, CÃO DE. Menção à pintura ‘O Cão’ de Francisco Goya, obra confluindo com prováveis mesmos questionamentos existenciais compartilhados pela autora. Um aprisionamento no enfrentamento da invisibilidade, situações que escapam ao controle racional, obstáculos aparentemente inexpugnáveis.

HETEROGÊNESE. Cultuar singularidades, valorizar diferenças individuais para ampliar debates em torno de causas comuns.

HÉSTIA. Divindade do lar, é a deusa grega do fogo da lareira (“lar” o local da casa onde estava o lume) cujo objetivo sagrado é zelar pelo bem-estar e segurança das casas. Ela era a única divindade que estava permanentemente no Olimpo, dali nunca saindo, ao contrário dos outros deuses que pelo mundo vagueavam. Em grego, Héstia significa ‘lareira com fogo aceso’; representa, portanto, o centro do lar, da cidade, da Terra. O recolhimento forçado nos lares pela recente determinação das autoridades sanitárias, foi um momento de resgatar Héstia, o aconchego do lar. Ao mesmo tempo, de lamentar Hermes, ao ver os espaços públicos tomados pela invisibilidade.

ICEBERG. Metáfora para os recônditos da alma, um enorme bloco de caules rizomáticos e somente algumas pontas tímidas a perscrutar o ambiente externo.

‘IN NATIVA’. Do local, autóctone. Em contraste com ‘in natura’, no sentido de na forma original, intacto.

IRREALIDADE. Ilusório, não real. Neste projeto, como na vida, busco explorar a irrealidade para torná-lo algo possível, viável; territorialidades sem confins. Justapostos, realidade e irrealidade, embora antíteses, podem-se tornar, hegelianamente, novas teses.

INSPIRAÇÕES. As inspirações inserem-se na dinâmica da respiração seguida pelo esquema metodológico representando o conjunto de ações de pesquisa na busca por referências autorais, pensamentos e estéticas variadas, mapeando e traçando roteiros de viagem. Em gesto de escuta, foi possível beber dos saberes populares artesanais, em registros etnográficos e notas de campo. Uma recolha cheia de impressões e memórias afetivas.

INVISIBILIDADE. A variante do vírus pode estar sinalizando uma variante civilizatória a moldar toda uma visão de mundo e das relações dos diversos componentes da biosfera. O espaço público deixou de ser território exclusivamente do ser humano para o ser humano; a invisibilidade tomou as ruas e reivindicando seu espaço. A partir da ideia do coronavírus, o termo adquire significados diversos referindo-se a experiências não sensoriais, em planos metafísicos, em transcendentalidade.

INTIMISMO. A invisibilidade provoca confinamentos, e essa clausura termina por despertar em mim um olhar intimista, voltado para questões ontológicas - a natureza do ser, sua essência.

LITOSFERA. é a camada sólida mais externa de um planeta. No caso da Terra, a litosfera cobre toda a superfície, desde o topo do Monte Everest (local de maior altitude da Terra) até as profundezas das Fossas Marianas (local mais profundo dos oceanos).

MANDRÁGORA. Cientificamente denominada *Mandragora officinarum* L., é uma planta pertencente à família das *Solanaceae*, que tem uma grande raiz principal, bifurcada e muito ramificada que se assemelha ao formato de um corpo humano. Tem simbologia humana, mas dentro da terra remonta às raízes da humanidade sob o contexto histórico e humanista. A expressão 'mandragoricamente' alude a formas de visão e expressão de fatos, ideias e abstrações.

MAQUÍNICO, ANIMISMO. De Felix Guattari, reflete a perda da singularidade no contexto maquínico da contemporaneidade, onde a essência do indivíduo ou do grupo, no recôndito da alma, é engolida pela massificação.

MEDITAÇÕES. As meditações, referentes à prática de projeto do esquema metodológico, discorrem sobre deslocamentos, territorialidades. Reflexões sobre o material recolhido em registros fotográfico e audiovisual, o universo abordado, experiências vividas e experimentações vivenciadas bem como as viagens físicas e metafísicas. No plano das ideias, buscam um debruçar ativo sobre novas contemporaneidades, universalidades a explorar, novas convergências.

METAFÍSICA. Ramo da filosofia que lida com a busca pela essência das coisas, sua natureza elementar, a imaterialidade. A existência do ser, realidades e universalidades, um debruçar ativo sobre a natureza: tudo é objecto de estudo da metafísica. Sua antítese, a física é o estudo lógico e demonstrável dos fenômenos naturais. Insisto no texto sobre as dualidades das realidades, científica e subjetiva, material e imaterial, real e irreal, material e conceitual; enfim, física e metafísica.

METAPOEMA. Poema sobre o próprio poema. Neste caso, paisagem sobre a própria paisagem onde a personalidade artística é copartícipe do processo criativo, ao mesmo tempo é a primeira criação dessa ação conjunta em parceria com a artista. 'Tecendo metapoemas simbióticos' remete à ideia de, artesanal e poeticamente, exaltar o elaborar poemas em comunhão de animas líricas em sinergia.

NEOLÍTICO. Idade da Pedra Polida: marca o início da prática agropastoril e do artesanato, para confecção de artefatos de caça e defesa e roupagens. Além disso, o fim do nomadismo e a necessidade de armazenar alimentos e sementes para cultivo leva à criação de peças de cerâmica as quais evolutivamente ganham fins decorativos,

ONTOLOGIA. Ramo da filosofia que estuda a natureza do ser, da existência e da própria realidade; toda reflexão sobre o ser tem natureza ontológica.

ONTOLÓGICO, DUALISMO. Visão que desagrega Natureza e cultura sublinhando a hierarquização que dispõe o ser humano acima de todos os outros elementos da biosfera,

PAISAGEM. Conceito cuja territorialidade alcança os planos físico, metafísico, visual, sensorial, mental, social, ambiental, jurídico-artístico e lírico.

'O mundo concebido por aqueles que nele habitam e viajam pelos caminhos que os ligam' (Tim Ingold).

PERSONALIDADE JURÍDICO-ARTÍSTICA. A partir do marco jurídico paradigmático do Rio Vilcabamba no Equador em 2011: pela primeira vez, um rio toma assento num tribunal como personalidade jurídica, desenvolvo a ideia de personalidade artística da paisagem. Dentro desta visão biocultural horizontal, onde tudo é inter-relacionado e interdependente, para assim compor e assumir inéditas configurações e relações existenciais, reforço a confluência artística da paisagem cidadã. Sigo a linha de raciocínio de Guattari e vislumbro a ecologia jurídico-artística exatamente para ampliar territorialidades do pensamento. Copartícipe do processo criativo nas ações intimistas no cenário de Vascões, a personalidade artística da paisagem é a primeira criação deste próprio processo, um verdadeiro metapoema simbiótico.

PÓS-MODERNIDADE. Marca das profundas transformações consequentes à Segunda Guerra Mundial, a realidade pós-moderna reserva para as artes a sua própria antítese: a antiarte. Domina agora a falta de estéticas e regramentos rígidos, ousadias não desestimuladas; metalinguagem, registros de cotidianos sem glamour, especialmente de grupos pouco valorizados ou até esquecidos. É neste esteio que ganha protagonismo a figura da pessoa artesã, e elevo a novas dimensões a pessoa da paisagem.

PÚBLICO, ESPAÇO. Tradicionalmente, local de circulação de pessoas, em oposição a espaço privado ou privativo. No texto, utilizo a expressão também na significação de espaço franqueado ao público, no entendimento de que paisagens naturais, à exceção das propriedades privadas, são também espaços públicos. Abrangendo uma visão holística de sua interrelacionalidade e interdependência entre as pessoas e o que as rodeia.

RELACIONALIDADE / RELACIONAL, ARTE. Situação compartilhada; produção de arte e pós-produção imiscuem-se por partilhas de experiências e propostas entre artista e diversos públicos, em temporalidades pouco definidas de arte final e cuja materialidade e resultado são menos relevantes do que as relações e afetos estabelecidos. Neste projeto, a ideia de relacionalidade predomina em todos os seus aspectos: a conexão do artesanato com as ações artísticas, a ligação das geografias física, humana e metafísica do rural, a materialização e seu animismo, etc. Imbuída a exercitar a estética relacional, pratiquei arte coletiva em atuações com pessoas ligadas ao artesanato; as ações artísticas contaram com a participação ativa do meu companheiro de viagem, em colaborações e partilhas de ideias; e, por fim, o reconhecimento da personalidade artística da paisagem, em protagonismo e coautoria. A pós-produção com abertura para intervenções do público foi simbolicamente posta em prática na 'Sementeira Artesanal'.

RESSINGULARIZAÇÃO. É tônica de Guattari a necessidade de se reivindicar as singularidades de volta, após um gradual processo de dessingularização, ou seja, perda da essência do ser, aquilo que o particulariza. Compreendendo os saberes populares artesanais como símbolo de resistência a esta perda de identidade existencial e social. Nossas ecologias originais restituídas - e reconstituídas.

RIZOMA. Caule subterrâneo parecido com raiz, simbolizando o caos que se auto-organiza horizontalmente e se interconecta, sem início nem fim, sem centro nem periferia, um fluxo permanente de linhas de multiplicidade. "Uma das características mais importantes do rizoma talvez seja a de ter sempre múltiplas entradas." (Deleuze & Guattari, 1995) extraído de Mil Platôs - Capitalismo e Esquizofrenia. No texto, o termo também adquire significado de conexões ocultas, elos pouco lembrados, ligações invisíveis.

RURAL. Diante das diversas dualidades que aqui se encontram, como dentro da paisagem em natureza x cultura; em linguagens referencial x emotiva; universos rural x urbano; este texto tem o seu foco não em diferenciar tais pólos, mas sim na interação simbiótica entre si. Afinal, como afirma o geógrafo Álvaro Domingues (2010), o rural e o urbano perderam as suas linhagens "puras", assim, defende a metamorfose da urbanização e do território da produção agrícola/florestal de "Paisagens Transgênicas", buscando na Biologia ferramentas conceptuais para se perceberem os novos organismos que resultam da engenharia genética.

Com isso, a paisagem rural toma forma não enquanto oposição ao urbano, mas buscando uma ligação subterrânea com as raízes cujo cimento urbano cobre a terra, a mesma do rural. Assim, a paisagem rural é entendida como um universo cuja natureza e cultura estão simbioticamente relacionadas através de ligações rizomáticas.

SABERES POPULARES. Ao longo do texto, os saberes populares referem-se aos saberes ancestrais, transcendentais, sobre técnicas do artesanato, símbolo de resistência e ressingularização em simbiose com os elementos da paisagem. Os saberes, bem como os ditos ou ditados populares,

guardam entre si o segredo da transcendentalidade, uma atemporalidade de resistência a perpetuar conhecimentos em livros abertos, em materialidades invisíveis. “Isso não significaria resgatar algo do passado nem se apropriar de algo inteiramente exógeno, mas sinalizaria uma possibilidade de criação e resistência.” (Sztutman, 2018: 341)

‘SERRAS’. Alusão ao romance de Eça de Queirós ‘A Cidade e as Serras’ dentro do contexto de exaltação não somente do meio rural como ambiente salutar e de resgate das raízes da existência, mas também uma crítica mordaz à desfiguração da individualidade humana por conta do progresso material e da luxúria. Compactuo com Jacinto, sua personagem, a produção de outros modos de existência que não os hegemônicos, outras sensibilidades, sociabilidades em renovação e legitimação.

SIMBIOGÊNESE, TEORIA DA. São as relações simbióticas que proporcionam mudanças evolutivas. As células eucarióticas formaram-se a partir da união simbiótica entre células procarióticas, mais elementares.

SIMBIOSE. Noção aprendida com os líquenes na ação artística ‘Tecendo Briófitas e Metapoemas Simbióticos’ e que é aqui convocado como arquétipo de interação e ligação entre elementos dicotomizados. A simbiose é o conceito chave que inter-relaciona dualidades tais como natureza e cultura, componentes definidores de paisagem. Ao invés de constituírem dualismos ontológicos, reforço aqui a necessidade de se adotar um pensamento transversal, onde um é o órgão externo do outro e vice-versa em atitude de cooperação, juntos, para manter esse organismo vivo que é o planeta Terra.

TRANSCENDÊNCIA / TRANSCEDENTALIDADE. Conexão com a ancestralidade; transigir dos limites físicos, tipo tempo, espaço, materialidade. Transcender é também uma forma de a alma lírica unir-se ao etéreo e contemplar em regozijo as realizações da materialidade artística.

TRANSMUTAÇÃO. Em Biologia, formação de nova espécie por meio de mutações; alterar, transformar; converter. Fazer mudar de domínio ou de lugar. Demudar-se.

ULTRAMODERNIDADE. Referência à contemporaneidade mais recente ligada aos cada vez mais acelerados avanços tecnológicos, robóticos e de inteligência artificial, a moldar comportamentos, modos de pensar. E de não pensar.

‘UNDERGROUND’. Nascido de práticas culturais e artísticas, sem recursos nem holofotes, mas que resistem ao tempo; no texto, utilizo-me do termo para, a partir do seu significado literal, partir para uma narrativa subsolar, radicular, mandragórica e rizomática. Ênfase a significados e significações subjacentes, a invisibilidades visíveis, e viceversa.

VASCÕES. Localizada no município de Paredes de Coura, norte de Portugal, é a primeira paisagem a ver descrita e reconhecida nesta dissertação sua personalidade artística.

VIAGENS NA MINHA TERRA. Clara referência à obra clássica de Almeida Garrett de mesmo título, onde há uma mistura de viagem, relatos, histórias, observações acerca da paisagem, além de digressões. Embora na forma de ficção, os escritos encontram paralelo na filosofia de trabalho desta dissertação, exatamente porque a pluralidade de viagem não se resume no deslocamento físico do autor-personagem. A frase ‘territorialidades sem confins’ busca então ampliar o espectro das viagens atingindo níveis transcendentais em ilimitude de possibilidades.

INTRODUÇÃO

No plano das ideias, no pensar e fazer viver, variantes dão o tom neste início de século, um divisor de águas nas relações humanas, sociais e interpessoais; também do ser com o seu ser-essência; culmina isso tudo no desabrochar de uma nova e renovada capacidade de produzir sentidos, uma visão mais lírica da existência. Intempéries biológicas e sociais colocam em xeque a capacidade de pensar e repensar a realidade, não mais como mera antítese da irrealidade, mas entremeada a polaridades e indefiníveis limites entre ambas.

Ao empurrar o ser social para os perímetros do recolhimento domiciliar, aguçar diferenças de opostos, um muramento invisível a separar os geograficamente próximos; ao ver a desagregação de vínculos, e a afabilidade cada vez mais inefável; todo este contexto, parece exigir novos modelos de existir, a sugerir novas cosmogonias, uma reinvenção do imaginário e a diversificação de linguagens, especialmente as de expressão artística.

Da sensação de inescapabilidade, aprisionamento e desconsolo, em meio a uma perdição lúgubre, um cão de Goya diante do inelutável, na ânsia por viver utopias, eis que aflora uma força expressiva, a **anima lírica**. Do latim, *Anima* abrange ideias como alma, espírito, força vital, respiração; reflete a alma, do ser vivente, da paisagem, das multiformes personalidades que coabitam o mundo. *Lírica* porque é uma artista a trabalhar singularidades e afetividades; uma visão poética de arte a tomar conta do espírito do ser, da sua natureza mais genuína; *'underground'* literalmente porque rizomática, mandragórica, porque humana, *iceberg* quase sem ponta, semioculta, mas pulsante, entranhenta e voraz. Outrossim, opera, transforma e une o fluir poético da artista com a da Natureza circundante; ambas, em parceria, companhia e companheira, em cumplicidade e em complementaridade, dueto como artistas em um piano a dois.

Entusiasmada pelos saberes culturais praticados de forma singular e atemporal nas zonas rurais, um microcosmo na territorialidade natural,

a autora busca inicialmente uma imersão naquele universo através de ações coletivas altamente interativas em formato de registros documentais e artísticos. É diante do imponderável, desse desassossego, que a emotividade intensa da artista vai em busca ao refúgio e inspiração nas dimensões física e metafísica dessa paisagem natural. Não obstante, nesse enfrentamento de problemáticas tradicionais e novas realidades e diante das limitações recentes para ocupação de espaços públicos e novas relações de corpo e corpo-território, como se poderia ainda buscar possibilidades para fomento e prática de arte coletiva ou relacional em áreas afastadas como as da zona rural?

Como desdobramento dos trabalhos, a abordagem vai se reconfigurando na medida em que provoca e evoca sentimentos íntimos na autora² como se a procurar desenterrar raízes de seu inconsciente fértil para assim libertar a crisálida, após longa espera, seu produto em metamorfização.

Neste trabalho propõe-se um debruçar ativo sobre a paisagem rural, em toda a sua universalidade transcendente, intervindo através de gestos poéticos que remanescem aos saberes ancestrais. Em contexto de simbiose, tais ações exploram seu animismo através da expressão artística e poemática, desentranham inquietações interiores da artista em meio a incertezas e indagações. Afinal, de quais pólos e níveis criativos se constroem ideias e sugestões na elaboração criativa? será da percepção sensorial, da interpretação subjetiva, ou de ambas? Por vezes, não resta clara a distinção entre mentor e musa na arte; no caso, por um lado vislumbram-se os componentes físicos e metafísicos da mata, por outro pulsa a emotividade poética da artista. Assim, como escutar e incorporar o binômio paisagem-artista dentro do seu papel catártico e coparticipativo na criação artística?

² Esta dissertação possibilitou unir duas confluências da autora: a da objetividade da cientista social e a da subjetividade da artista.

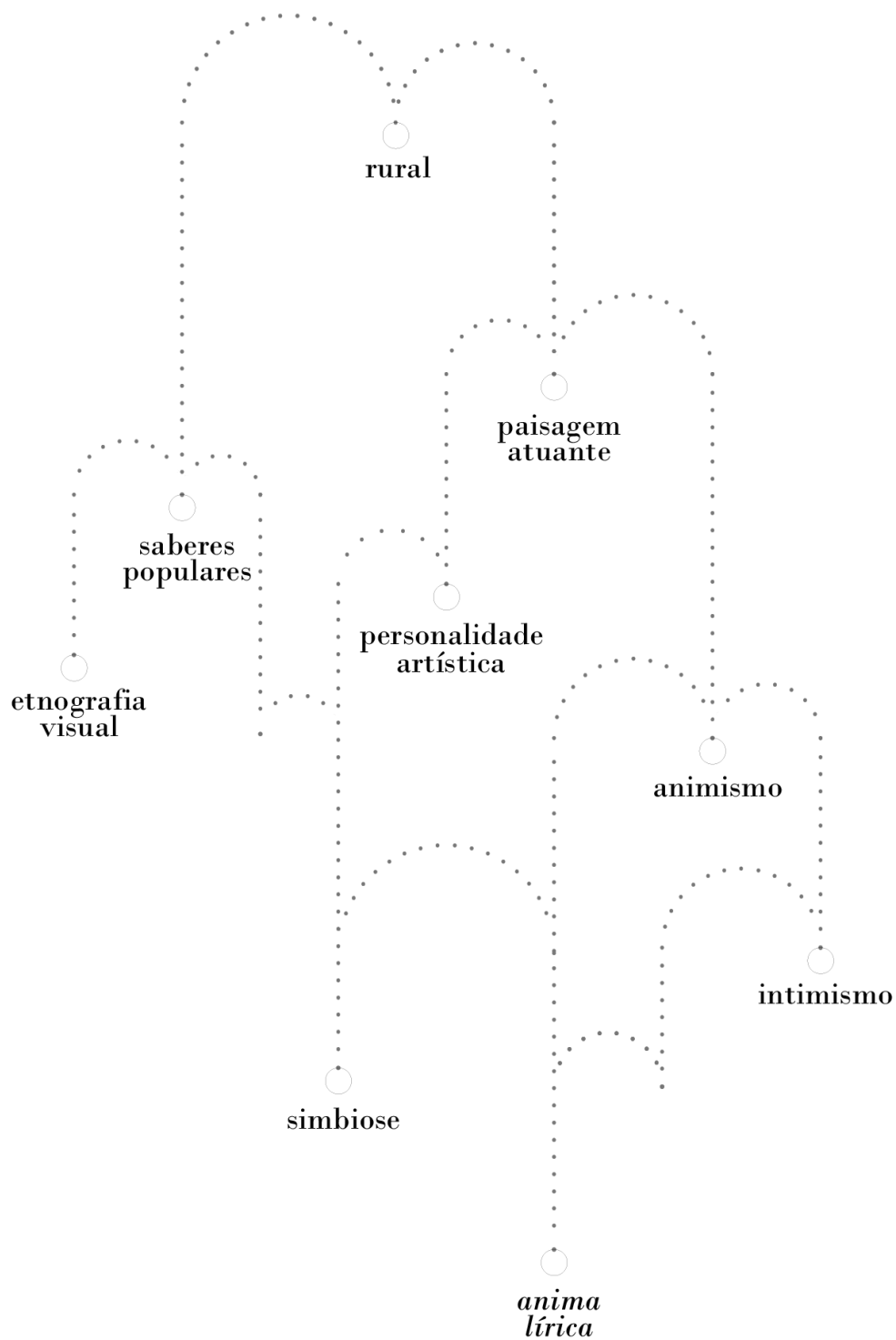
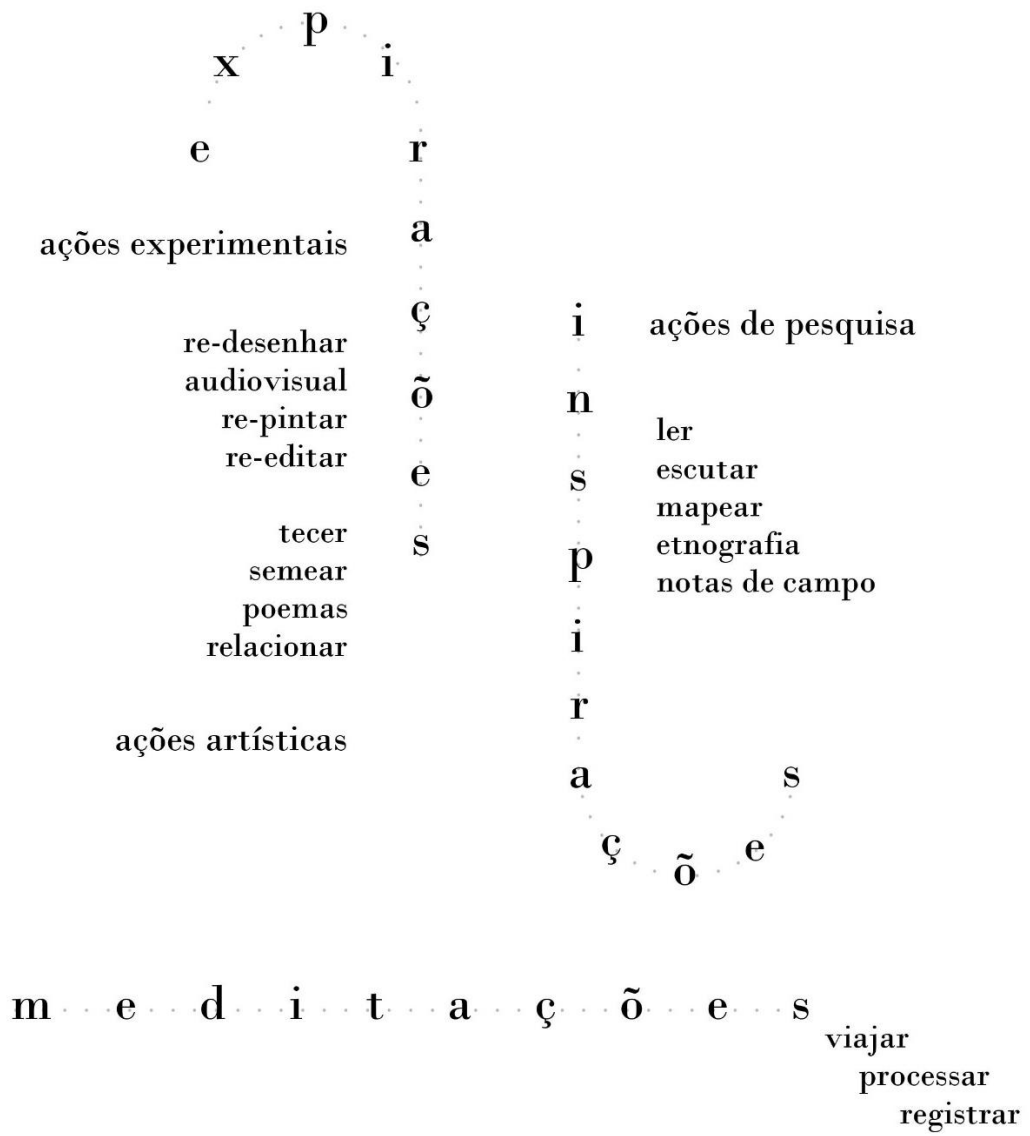


diagrama de conteúdos

Nesse panorama afigura-se em primeiro plano a personagem do artesão, ator principal de uma atividade patrimônio cultural imaterial mundial que, além do produto que elabora, remete-nos à ancestralidade, a uma releitura de todo o processo civilizatório na medida em que perpassa toda a trajetória da história. A vitalidade dessa atividade através dos tempos atesta sua resiliência, um verdadeiro contratempo para a ultramodernidade, vestígio de um tempo neolítico embora e, ao mesmo tempo, em sintonia com o curso das incessantemente renovadas realidades. Assim, cada produto artesanal guarda um instante, um momento histórico, uma emoção impregnada na matéria, quando pronta, polida e objetivada, num processo de cura, de realização.

Muito mais do que uma forma de trabalho ou um meio de subsistência, artesanato designa, na verdade, toda manualidade de transformação da matéria-prima *'in nativa'* em objeto ornamental ou utilitário, ou ambos, para, então, constituir-se num fator integrador do indivíduo na sociedade além de representar de forma identitária a própria sociedade na qual se insere.



esquema
metodológico

‘A viagem não começa quando se percorrem distâncias, mas quando se atravessam as nossas fronteiras interiores.’

Mia Couto

Com a proposta inicial de fazer uma pesquisa de campo abordando personalidades ligadas às artes e ao artesanato no meio rural, para então reuni-los para uma performance coletiva de arte com e na paisagem, o que se procura é praticar a *estética relacional* e especificamente junto aos artesãos. Ao mesmo tempo, busca-se um aprofundamento do conhecimento, das relações e inserções da autora nesse ambiente fundamentalmente de acolhimento e trocas; fonte inspiracional para impressões, exercícios de expressividade e devaneios filosóficos.

Além de impactos profundos no psiquismo da autora, celebrar e experienciar o universo rural terminam por construir vivências, interações e novos imaginários. As ações de pesquisa logram buscar referências científicas e estéticas variadas, à maneira de traçar roteiros de viagem e fazer adaptações pontuais.

Para alinhar ideias em formação e traçar trajetórias e trilhas através do rico cenário das ‘serras’ ao norte de Portugal, o elemento viagem é determinante e ganha ainda novos contornos. Para a autora cidadina, tais deslocamentos acabam por nela revelar a dinâmica do pensamento elaborativo, como numa busca por um campo de atuações livre de noções pré-concebidas, espírito que termina por se assumir o cerne e a base dissertativa do trabalho.

Pesquisas de mapeamento de locais, anotações, e diversas possibilidades de abordagem e ação permitem delinear o planejamento de ações subsequentes. Recursos audiovisuais envolvem o uso amador de câmeras digitais e todas as fases para preparação e acabamento de um filme ou videoarte. Registros fotográficos, bem como esboços de desenhos e pinturas completam a produção documental e de arte final.



1. Pintura 'Ossom' diário de bordo –
arquivo pessoal da autora (2020)

Câmera em punho, a recolha etnográfica documenta o encontro com quatro artesãos de Vila Verde e Barcelos, norte de Portugal; oportunidade ímpar para interagir com as mentes criativas de Jorge (trabalha com cestaria, madeira e pedra), Cecília (tecelã), Rosa (tecelã) e Domingos (oleiro). Em meio a explicações e demonstrações, adquirem-se noções do processamento da roda de olaria, do tear -com a técnica de tecer também utilizada na cestaria- e de instrumentalizar ideias; há sempre uma elaboração com troca de experiências, inovações de técnicas e de materiais, saberes e memórias, sentimentos presentes em cada etapa do processo criativo.

Narrativa por imagens, um trunfo da pesquisa etnográfica é a possibilidade de verificar aspectos peculiares e até inusitados do foco de estudo; está nela a possibilidade de inserção da pesquisadora na atmosfera e no mundo das pessoas ou grupos focados, em escuta, verificando contextos de dados coletados, livre de estereótipos ou ideias pré-concebidas. Além disso, a documentação audiovisual permite a públicos não envolvidos no processo uma oportunidade de aproximação à situação vivenciada.

Não obstante, com o evolver dos trabalhos, salienta-se uma bifurcação no posicionamento e nos caminhos das ideias da autora, a explicar: inicialmente ela assume postura de cientista social, observadora objetiva e impessoal do contexto analisado; na etapa subsequente, instala-se toda uma poética de errância e ressaltam-se ações ponteadas por alta emotividade criativa; profundamente influenciada pela ideia do criar e praticar artesanato. Parte assim, agora a artista, para o exercício ativo e produtivo de relacionar-se em harmonia e simbiose com o derredor. Entremeado por um estado de paralisia pensante, a interrupção circunstancial do estudo etnográfico salta para projetos poéticos-artísticos não de intervenção em meio à mata de Vascões, mas em plena confluência lírica de achadismo e práticas de manualidades e recordações de memórias afetivas.

A linha argumentativa passa, portanto, a transicionar entre linguagem referencial e emotiva, permeando do plano das ideias coerentemente concatenadas para, numa transmutação, atingir o plano onírico, febrilmente poético-artístico. É traduzido também em uma tentativa lúdica na utilização das primeira e terceira pessoa neste texto, tornando a primeira pessoa particularmente mais adequada na narrativa da etnografia, pois a própria autora é referenciada nesse trecho.

'Tudo é questão de despertar sua alma'.

Gabriel Garcia Márquez

A mente anímica tende a personificar os elementos da natureza ao mesmo tempo em que, mandrágora, enxerga simbologia humana no chão da mata. Mesclam-se assim os dois pilares da representação artística, ator e texto testemunham uma perda identitária, conjuminando esforços para a captura do instante, da efemeridade. Em síntese, é como se o universo artesão trabalhasse a matéria-prima criativa da artista em conluio com a realidade verde abrigante.

Um recorte nessa contextualização, e dentro da conjuntura jurídica, é alvissareiro constatar o surgimento de uma visão alternativa à tradicional relação Homem-Natureza, base de todo o longo processo civilizatório. Numa concepção inovadora e decolonizadora, abandonando o olhar extrativista, alguns países,

como Equador, Nova Zelândia, Colômbia, Índia, passam a reconhecer a condição de personalidade jurídica à Natureza, com direitos legais atinentes a essa cidadania recém-conquistada. Menção destacada faz jus a Constituição do Equador, aprovada em 2008, que no Capítulo VII 'Dos Direitos da Natureza', artigos 71 a 74, assim dispõe:

“a natureza ou Pacha Mama, onde se reproduz e realiza a vida, tem direito a que se respeite integralmente sua existência e manutenção e regeneração de seus ciclos vitais, estrutura, funções e processos evolutivos. Toda pessoa, comunidade, povo ou nacionalidade poderá exigir da autoridade pública o cumprimento dos direitos da natureza.”³

E é em consonância com esses marcos jurídicos que as linhas argumentativas aqui propostas visam afinal ao reconhecimento da '*personalidade artística*' da paisagem. Contagiadas pelos saberes populares de Vila Verde e Barcelos, e engendradas junto ao espaço público de Vascões, as ações artísticas ganham ali corpo e significação, em coautoria com a *anima lírica* da paisagem, e em sinuoso olhar animista e transversal do mundo. Uma ponte aos saberes ancestrais do artesanato, o presente trabalho estende as mãos aos objetos artesanais e aos saberes a eles agregados; outrossim, convoca o relacionar deste conteúdo com o animismo da paisagem, uma confluência no pleno exercício de compor, em parcerias.

Ao norte de Portugal, Vascões termina palco da apropriação da mente da artista pelo campestre e edênico a interferir no seu universo imaginativo; em contrapartida, ver impregnada na paisagem seu estado d'alma através da manualidade artesã em fabulação poética e lirismo intenso. Sinergia simbiótica e rizomática, esse pensamento convergente viabiliza trilhar caminhos em direção ao metapoema para ao final reforçar a parceria artista e mata, uma interação visceral direta com os

³ Tradução livre do original retirado da 'Constitución de la República del Ecuador': "Art. 71.- La naturaleza o Pacha Mama, donde se reproduce y realiza la vida, tiene derecho a que se respete integralmente su existencia y el mantenimiento y regeneración de sus ciclos vitales, estructura, funciones y procesos evolutivos. Toda persona, comunidad, pueblo o nacionalidad podrá exigir a la autoridad pública el cumplimiento de los derechos de la naturaleza." Cap. 7 - art. 71 a 74 p.52

elementos da paisagem, ao longo do processo elaborativo-colaborativo nas quatro ações artísticas, que se seguem.

'Poesia, iluminará meu caminho como uma borboleta em chamas.'

Alejandro Jodorowsky⁴



2. 'Ossom' (2020) - arquivo pessoal

Memórias perdidas tematizam a primeira ação: 'Ossom'; embalados pela energia do vento, a montagem composta de elementos de ossadas passam a tilintar, adicionando um componente sonoro a se integrar à arquitetura da ideia; termina assim por inspirar e gerar uma videoarte, numa performance da artista.

À luz dos saberes recolhidos das pessoas do artesanato, a segunda instalação ganha feitiço 'Tecendo Briófitas e Metapoemas Simbióticos', uma tentativa de rudimentarmente aplicar técnicas de tecelagem com elementos brutos encontrados no local. O fio de urdidura é tecido com a planta Giesta, de nome científico *Spartium junceum* por derivar da palavra grega '*spartion*', designação de plantas produtoras têxteis utilizadas em ataduras; comumente chamado de giesta das vassouras.⁵

Tecer briófitas compondo metapoemas trata-se de um gesto de escuta para com a paisagem não somente para apreender os entendimentos que seus elementos guardam em si, e entre si, a exemplo do líquen⁶ que comporta uma simbiose, mas também para estreitar vínculos afetivos com cada detalhe daquele ambiente, em gestos sinestésicos de tocar, ouvir, ver e sentir: configura-se assim um poema sobre si mesmo, um trabalhar sobre o próprio lirismo, é o espelhar-se a si mesma na alteridade, e na alteridade se encontrar.

⁴ Tradução livre do original 'Poesía, alumbrará mi camino como una mariposa que arde.' do filme 'Poesia sin fin' (2016) de Alejandro Jodorowsky

⁵ Alves, Mayk (2021). Giesta é uma espécie de arbusto nativo de Portugal - Agro 2.0 Giesta é uma espécie de arbusto nativo de Portugal

⁶ LÍQUEN é a simbiose de uma alga e de um cogumelo.



3. 'Tecendo Briófitas e Metapoemas Simbióticos'
- arquivo pessoal da autora (2020)



4. 'Retalho de Pedras' - arquivo pessoal da autora (2020)

Em ação artística intitulada 'Retalho de Pedras', Rafael Barros, agricultor biológico vilaverdense colaborador constante e companheiro de viagens, empresta uma participação mais ativa na etapa onde juntos 'costuramos' pedras gigantes com ossos. O que se busca representar é o trabalho parceiro e interativo, além de enxergar restituir emoções furtadas, equilíbrios desfeitos em tempos incertos, cuja construção tem a tessitura da tentativa de cura de uma ferida.

Última ação artística que recorta um momento da etnografia e a faz confluír com a alma lírica da paisagem, 'Sementeira Artesanal' é produto de uma proposta de discutir com os quatro artesãos, por exigências circunstanciais via telefone, a possibilidade de estruturar uma sementeira coletiva utilizando peças artesanais produzidas por eles para, numa ação artística, suggestionar transcender a visão do artesanato para os primórdios de sua história, expressa na forma radicular e simbólica de mandrágora. Dispostos debaixo do solo, à semelhança de sementes que crescem como caules rizomáticos e passam então a espalhar ramos a partir de e para fora dos intróitos da terra, esta última

condição a simbolizar o tempo presente, ou seja, os representantes desse ofício hoje.



5. 'Sementeira Artesanal' (2020) – arquivo pessoal da autora

Os capítulos que se seguem encontram seus pontos basilares nas três ecologias de Félix Guattari⁷ e, apesar de em campos distintos, ambiental, social e subjetiva, visam a uma articulação ético-político-estético entre elas. O primeiro capítulo inicia pontuando os impactos no íntimo do ser causados pela desterritorialização do espaço público em contexto de uma nova fenomenologia social. Discute alguns dos entendimentos existentes acerca dos conceitos de paisagem, Natureza e de espaço público, em posicionamento sob uma visão holística inter-relacionada e interdependente, a permitir assim uma perspectiva de interação simbiótica entre as partes, e dialogando com ideias

⁷ Guattari, Felix [1989] (2001). *As Três Ecologias*. (Maria C.F. Bittencourt, trad.) Papirus Editora, 11ª Edição. São Paulo

de autores como Bernardo Bernardi⁸, Adriana Veríssimo Serrão⁹, Tim Ingold¹⁰, entre outros. Ousa ainda adentrar o campo jurídico para acompanhar a evolução do processo de ensinar a Natureza como sujeita de direitos, além de abordar questões animistas com Graham Harvey¹¹ e Nurit Bird-David¹² com foco na relacionalidade. Alicerçada ainda na visão de Ailton Krenak¹³ e Yayo Herrero¹⁴, percorre-se o caminho ao seu destino final: reconhecimento da paisagem como personalidade artística.

Mandrágora, título do segundo capítulo, traça o perfil de algumas pessoas ligadas ao artesanato na zona rural do norte de Portugal, abordagem por princípio sob uma ótica de valorização de singularidades defendida por Félix Guattari¹⁵ e não-hierárquica por Adélia Borges¹⁶. Motivada por descobrir e aprender os saberes populares, o contacto com alguns dos artesãos em Vila Verde e Barcelos permite à pesquisadora interagir com esses processos criativos e ciclos produtivos, para tanto utilizando recursos da etnografia audiovisual e, assim, melhor assimilar estes saberes ancestrais e as suas potencialidades de trabalho produtivo com matérias-primas locais. Finalizando o capítulo encontram-se breves notas etnográficas resultantes dos encontros amigos com Jorge, Cecília, Domingos e Rosa.

⁸ Bernardi, Bernardo (2007) [1974]. *Introdução aos Estudos Etno-Antropológicos*. Edições 70. Lisboa

⁹ Serrão, Adriana Veríssimo (2004). *Filosofia e Paisagem – Aproximações a uma categoria estética*. Philosophica- Universidade de Lisboa, Lisboa, nº23

¹⁰ Ingold apud Fauvrelle, Natália e Semedo, Alice Lucas (2017). De Território a Paisagem: O que é “Paisagem”? CITCEM- Centro de Investigação Transdisciplinar «Cultura, Espaço e Memória». Porto. In *Genius Loci: lugares e significados / places and meanings – vol 2*: 575-586

¹¹ Harvey apud Hall, Matthew [1980] (2011). ‘Plants as Persons – A Philosophical Botany’. State University of New York, Albany, NY.

¹² Bird-David, Nurit (2019). “Animismo” Revisitado: Pessoa, Meio Ambiente e Epistemologia Relacional. *Debates do Ner*, Porto Alegre.

¹³ Krenak, Ailton (2019). *Ideias para Adiar o Fim do Mundo*. Editora Companhia das Letras; 1ª edição. São Paulo

¹⁴ Herrero, Yayo (2021). *Vida: Os Cinco Elementos (V e último)*. O texto integrou a conferência “Pensar como uma árvore – ética e estética recompõem os laços perdidos com a Natureza”, com moderação de Marta Lança, no âmbito do ping! Programa de Incurião à Galeria Municipal (Galeria Municipal do Porto). em <https://www.buala.org/pt/corpo/vida-os-cinco-elementos-v-e-ultimo>

¹⁵ Guattari, 2019

¹⁶ Borges, Adélia (2012). *Design + Artesanato: o Caminho Brasileiro*. Terceiro Nome. Brasil

Depois de apresentar algumas das referências estéticas, tais como o movimento Earthworks¹⁷, desdobra-se em um mergulho pelos caminhos que as ações artísticas percorrem com a *Anima Lírica*, no caso, alma poética da mata de Vascões, em intervenções artísticas trazendo ao espaço público rural propostas que se debruçam sobre os saberes populares ancestrais, intervindo através de gestos eivados de utopias líricas.

Assim, com exacerbação da emotividade poemática e reconhecendo no cenário verde circundante um agente atuante e parceiro na elaboração artística, uma confluência criativa a não encontrar seu caminho de volta, degusta-se um verdadeiro descaminho, entrementes sem desassossego.

¹⁷ Beardsley, John (1989). *Earthworks and beyond*. Cross River Press, Ltd. 2nd ed. New York.

I. RIZOMA



6. *Tecendo Briófitas e Metapoemas Simbióticos* - arquivo pessoal da autora (2020)

Aflorar o intimismo e engolir a alma



7. Rizoma - Kainowska (s.d.)
 fonte: <http://i0.wp.com/www.kainowska.com/sito/wp-content/uploads/2011/04/rizoma-senza-logo.jpg?resize=797%2C1024>

Parece o mundo assistir ao despontar de uma nova cepa civilizatória. Enquanto a humanidade experiencia a clausura nos limites de seus recolhimentos, testemunha-se o surgimento de uma visão repaginada das relações entre diversos estratos e componentes da biosfera; ora a vida se expande, ora se contrai; a invisibilidade parece ser a única a se avolumar e espalhar tentáculos, apropria-se não só de territórios físicos antes de exclusiva ocupação humana, praças e ruas entrementes esvaziadas; mas também, no plano metafísico, da mente do ser vivente em todas as suas formas e dimensões.

Nunca antes tivera a autora tido a oportunidade de confrontar-se com o determinismo sociológico, em tempo real e histórico, como quando as medidas restritivas à circulação de pessoas provocaram um verdadeiro caos mental anti socializante por efeitos desagregadores das relações interpessoais; o próximo como se a ser o visível portador do perigo invisível. A submissão do indivíduo às pressões das autoridades, às circunstâncias planetárias, ao olhar policiador do derredor, reforçam de forma cabal o primado dos componentes biológicos e sociológicos na determinação do comportamento humano.

Se a visão baumaniana da sociedade contemporânea era a de relações entre as pessoas cada vez menos frequentes, pouco duradouras e paulatinamente segregacionistas, a invisibilidade parece ter decretado o fenômeno como norma a ser seguida. O que assombra são essas distopias convergirem para um maior controle social com restrições crescentes nas liberdades individuais e nas diversas formas de expressão de singularidades.

Parece então ocorrer uma catarse, atenção redirecionada para a subjetividade e alta emotividade dentro do plano das sutilezas, singelezas e do lirismo. O despertar da alma poética pode ser explicado neste contexto, mais como uma busca por maneiras outras de existir do que simplesmente como uma reação do ser a uma conjuntura social de extrema opressão.

**‘O mundo concebido por aqueles que nele habitam
e viajam pelos caminhos que os ligam’**

entre espaço público e paisagem

Primeiramente cabe pontuar o entendimento de ‘paisagem’ que aqui se propõe tendo em conta as diversas abordagens que o termo permite.

Paisagem é uma complexa forma de realidade que se estende ultrapassando a dimensão meta espacial e se enlaça em múltiplas temporalidades¹⁸ que é sempre incluyente, recolhe e transforma sobre si própria. A paisagem pode ser encarada no plano visual, auditivo, olfativo, tátil, local e físico, além do plano das ideias, memórias e invenções. De qualquer forma, pode ser concebida como um projeto em andamento, uma incursão no campo cultural através do esforço criativo e imaginação.¹⁹

Somente durante a Modernidade passa o conceito de ‘paisagem’ a ser trabalhada, precisamente naquele momento em que a existência humana passa a se ‘desconectar’ da natureza.

“A separação entre a urbe e o ager²⁰ reflecte-se no advento da paisagem como objecto cultural, já distanciada da vida quotidiana mas de novo presente como motivo da celebração poética ou da idealização plástica. Aos novos instrumentos mentais trazidos pela revolução científica e que converteram a natureza em rigoroso objecto teórico, contrapõe-se a familiaridade das viagens sentimentais e das caminhadas como meio de estudo, recreio ou pacificação anímica.” (Serrão, 2004: 101)

É possível notar esse distanciamento em definições de paisagem como a da Convenção Europeia da Paisagem (CEP), proposta pelo Conselho da Europa em Florença (2000):

¹⁸ Do vegetal, do animal, humana e temporalidade histórica.

Reflexões absorvidas da conversa com Adriana Veríssimo Serrão intitulado ‘Territórios Representáveis/Paisagens Intangíveis’ no âmbito das Conferências Abertas da UC “Representações, Desenhos e Imagens do Território” realizado no dia 11 de maio de 2021 na FLUP

¹⁹ Corner, James (1999). *Recovering Landscape as a Critical Cultural Practice*. Princeton Architectural press. New York

²⁰ urbe: zona de habitação
ager: campo de cultivo

“uma parte do território, tal como é apreendida pelas populações, cujo carácter resulta da ação e da interação de fatores naturais e ou humanos;”²¹

Ou pela percepção que Natália Favrelle e Alice Lucas Semedo assumem no texto ‘De território a paisagem: o que é “paisagem”?’:

“a paisagem como um artefato espacial e temporal, onde se desenvolve a vida através da relação seres humanos e não humanos, e que, como fenômeno social, não se pode dissociar da experiência vivida.” (Favrelle & Semedo, 2017: 585)

Dicotomização em fatores humanos e não humanos contribui somente para desinsere e desvincular os vários componentes da biosfera. Ailton Krenak, liderança do movimento indígena no Brasil, afirma que durante muito tempo, embalados pela missão civilizatória, ‘fomos nos alienando desse organismo de que somos parte, a Terra, e passamos a pensar que ela é uma coisa e nós, outra: a Terra e a humanidade.’ (Krenak, 2019:10)

Natureza é, antes de tudo, o universo como totalidade cósmica a abarcar as coisas, os seres –animados ou inanimados– e as forças – conhecidas e desconhecidas– que regem o complexo sistema vital (Bernardi, 2007): “Por natureza compreende-se ainda o ambiente ecológico, a terra, a vegetação, os animais; a vida humana desenvolve-se em simbiose com esta realidade.”²²

*‘Quero eu e a Natureza
que a Natureza sou eu,
e as forças da Natureza
nunca ninguém as venceu’*

António Gedeão²³

Ainda à luz desse entendimento, paisagem pode ser metáfora de uma “janela aberta sobre a natureza” ou mesmo “lugar onde terra e céu se

²¹ CEP apud Favrelle, Natália e Semedo, Alice Lucas (2017). De Território a Paisagem: O que é “Paisagem?”. CITCEM- Centro de Investigação Transdisciplinar «Cultura, Espaço e Memória». Porto. *In Genius Loci: lugares e significados / places and meanings – vol 2: 578*

²² Ibid.: 22.

²³ ‘Fala do Homem Nascido’ em *Teatro do Mundo* (1958) - interpretação Adriano Correia de Oliveira

tocam”²⁴. Em síntese, paisagem aqui convocada é sintetizada e trilhada pela definição de Ingold:

“o mundo como ele é conhecido por aqueles que nele habitam, que habitam os seus lugares e viajam pelos caminhos que os ligam.” (Ingold apud Fauvrelle & Semedo, 2017: 584)

A realidade física da Natureza apresenta-se como objeto de pesquisa e de interpretação, amiúde até por oposição, ou seja, a força bruta da Natureza dimensionada em contraste com cultura na medida em que esta qualidade é inerentemente humana.

“Ingold elimina a oposição natureza/cultura considerando as pessoas como organismos cujo relacionamento não se limita à esfera da sociabilidade humana, mas que pressupõe uma interação com toda a vida orgânica. Este conceito de ser humano trata as relações sociais como relações ecológicas, isto porque tem em conta os organismos humanos e não-humanos.” (Fauvrelle & Semedo 2017: 583)

Tais relações, de tão imbricadas, assumem caráter simbiótico, por sinal noção aprendida pela autora no lidar com líquens, e bem de encontro com a linha de pensamento de Bernardi²⁵ quando afirma que:

“O ser humano²⁶ insere-se numa relação de continuidade e de intimidade que pode ser, justamente, considerada como de simbiose: a vida do ser humano é biologicamente autónoma e, ao mesmo tempo, condicionada pela terra e pela vida extra-humana que nela se desenvolve, por não poder ser – mesmo biologicamente – diferente daquela que é. A terra assume, portanto, um valor quase absoluto que se acentua e se avalia pelo significado social que cada ser humano e cada grupo humano lhe atribuem.” (Bernardi, 2007: 364).

²⁴ A primeira definição de Eric Dardel e a segunda de Michel Corajoud. Ambas definições retiradas da conversa com Adriana Veríssimo Serrão intitulado ‘Territórios Representáveis/Paisagens Intangíveis’ no âmbito das Conferências Abertas da UC “Representações, Desenhos e Imagens do Território” realizado no dia 11 de maio de 2021 na FLUP.

²⁵ Bernardi, 2007

²⁶ Devido ao uso de linguagem inclusiva, em citações diretas, sempre que o conteúdo o permite, substituiu-se o termo "homem" por "ser humano".

Personalidade artística da paisagem

de objeto a sujeita de direitos



8. Mapa Nova Zelândia

Rio Whanganui – fonte:

<https://nationalgeographic.pt/historia/grandes-reportagens/2614-rectificando-uma-historia-de-injustica-a-nova-zelandia-atribui-ao-rio-whanganui-os-direitos-juridicos-de-um-individuo>

'Eu sou o rio e o rio sou eu'

ditado Maori

'O tempo é a substância da qual sou feito.

O tempo é um rio que me leva embora, mas eu sou o rio'

Jorge Luis Borges²⁷

Os dualismos ontológicos criados na modernidade são a fonte de muitos problemas sobre o que a contemporaneidade discorre a níveis social, ecológico, político, científico e estético. Guattari destaca que o animismo, longe de ser um retorno ao irracionalismo, é uma forma de superar e neutralizar tais dualismos modernos.²⁸ Sublinha que 'mais do que nunca a natureza não pode ser separada da cultura'²⁹ e enfatiza a necessidade do pensamento transversal, isto é, sem hierarquias, a respeito das 'interações entre ecossistemas, mecosfera e Universos de referências sociais e individuais'³⁰.

"A biota — o conjunto dos seres vivos — foi criando as condições ideais para a vida na Terra tal como a conhecemos hoje. Co-evolui e regula o ambiente. Com estas premissas, James Lovelock e Lynn Margulis formularam a *Hipótese Gaia*. A partir daí, ambos demonstraram que aquilo que a ciência tratava separadamente — os seres vivos, os oceanos, a atmosfera, o clima, os solos... — formavam uma realidade indivisível." (Lovelock e Margulis apud Herrero, 2021)

Gaia, deusa grega, é personificação do planeta Terra, cujo sistema vital, dinâmico e autorregulado, representa uma complexa construção biológica de relações.

²⁷ Nueva refutación del tiempo. Tradução livre do original: 'El tiempo es la sustancia de que estoy hecho. El tiempo es un río que me arrebató, pero yo soy el río [...]

²⁸ Melitopoulos, Angela e Lazzarato Maurizio (2011). O Animismo Maquínico. Caderno de Subjetividade - Revistas Eletrônicas da PUC. São Paulo. nº 13: 7-27

²⁹ Guattari, 2001: 25

³⁰ Ibid.: 25

“Juntos, diz Carlos de Castro, o ambiente e os seres vivos formam um sistema global que funciona como se fosse um ente vivo.”
(Castro apud Herrero, 2021)

Marco jurídico relevante em 2017 desfaz a divisão natureza e cultura imposta pela ontologia moderna e julga procedente a concessão de personalidade jurídica ao Rio Whanganui na Nova Zelândia. Desvio ou evolução da visão antropocêntrica do conjunto lito e biosfera, em que a natureza é reconduzida ao contexto humano para assumir não mais uma posição subalterna, subserviente, mas sim uma visão não dualista do mundo, na qual tudo é inter-relacionado e interdependente.

A promulgação da Lei Te Awa Tupua (Acordo de Reivindicações do Rio Whanganui) é resultado de uma luta secular do povo Maori que visa não somente à conservação do rio mas, como afirma o presidente do coletivo responsável pela conquista, também e principalmente ao ‘reconhecimento’ de que o rio é um “conjunto vivo e indivisível” e não fragmentado em componentes de água, leito, margens etc. como o é o ponto de vista europeu e que, segundo a nova lei, “vai das montanhas ao mar, incorporando seus afluentes e todos os seus componentes físicos e metafísicos”. Mais que tudo, reconhece a conexão profundamente espiritual entre o iwi (grupo) Whanganui e seu rio ancestral.³¹

Os povos Maori entendem a Natureza como um elemento central na sua cosmologia e possuem uma visão horizontal acerca dessa relação, concebendo o mundo vivo como:

“uma extensa rede de relações, na qual os seres humanos não são superiores nem inferiores a qualquer outra forma de vida. Encontram-se todos unidos, por serem todos descendentes da Terra e do Céu.”³²

³¹ Vlaene, Lieselotte (2017). Ríos: seres vivientes y personalidad jurídica — nuevos argumentos legales en la defensa de los territorios de los pueblos indígenas— *Jornal Plaza Pública*. Universidad Rafael Landívar Guatemala.

³² Warne, Kennedy, s.d. Rectificando uma história de injustiça, a Nova Zelândia atribui ao rio Whanganui os direitos jurídicos de um indivíduo. <https://nationalgeographic.pt/historia/grandes-reportagens/2614-rectificando-uma-historia-de-injustica-a-nova-zelandia-atribui-ao-rio-whanganui-os-direitos-juridicos-de-um-individuo>

As vitórias judiciais por ações quase na totalidade impetradas por povos ancestrais seguiram mobilização pioneira de indígenas equatorianos que revolucionou, em sua forma ambiental pela primeira vez³³, a Constituição do Equador aprovada em 2008. Nela, o artigo 10 do primeiro capítulo dentro do título dos Direitos reconhece inequivocamente a Natureza como titular de direitos:

Art. 10. Individuos, comunidades, povos, nacionalidades e grupos são titulares e gozarão dos direitos garantidos na Constituição e nos instrumentos internacionais.

A natureza estará sujeita aos direitos reconhecidos pela Constituição.³⁴ (grifos da autora)

Base legal e constitucional a atribuir direitos civis ao Rio Vilcabamba no Equador em 2011, torna-se este o primeiro rio a se sentar perante um tribunal³⁵, recorte inédito na ontogenia planetária.

A tendência de institucionalizar corpos da Natureza elevando-os à estatura de cidadania é marco histórico que resgata a cosmovisão dos povos aborígenes, como página importante do processo neocivilizatório a tentar resgatar valores primordiais descaminhados ao longo do tempo.

³³ Vale ressaltar que antes disso, em 1972 a comunhão entre os seres humanos e a Natureza ganhou expressão acadêmica num ensaio publicado pelas palavras do filósofo especialista em Direito Christopher Stone com o título “Deverão as árvores ter estatuto jurídico? – Rumo aos direitos jurídicos dos objectos naturais” (traduzido do original “Should tree have standing? Toward legal rights for natural objects”). Esse artigo abordava o caso *Sierra Club vs. Morton* que foi levada aos tribunais em 1970, onde estava em causa a concessão de licença ambiental pelo U.S. Forest Service à empresa Walt Disney Enterprises, Inc. que permitia a construção de um parque de diversões orçado em 35 milhões de dólares “na região do vale selvagem de Mineral King” conhecido pelas sequóias lá existentes. O autor defendia a concessão de personalidade jurídica à Natureza, principalmente às árvores do parque. (Gussoli, 2014)

³⁴ Constituição do Equador, tradução livre do original: “Art. 10. *Las personas, comunidades, pueblos, nacionalidades y colectivos son titulares y gozarán de los derechos garantizados en la Constitución y en los instrumentos internacionales. La naturaleza será sujeto de aquellos derechos que le reconozca la Constitución.*”

³⁵ Moraes, Germana (2018). Perspectiva do Tratamento Jurídico da Natureza nas Nações Unidas e nos Tribunais. Seminário Natureza e Justiça. Auditório da Justiça Federal. Florianópolis. Brasil. Em <https://www.youtube.com/watch?v=lU2heouUm9c&t=1223s>



9. Fotografia da paisagem de Vascões - Arquivo pessoal da autora (2020)

A trajetória da personalização jurídica da paisagem atravessou oceanos a partir do Equador até chegar à Nova Zelândia, à Colômbia³⁶ e à Índia³⁷; mais recentemente, em fevereiro de 2020, embora ainda sem decisão final, os eleitores da cidade de Toledo, no estado de Ohio (EUA do norte), tentam lograr ao lago Erie condição de cidadania. Derivados de tradições indígenas que sempre compreenderam os seres humanos como parte da Natureza, ao invés de algo à parte dela, a concepção animista de que tudo tem vida - inclusive os recursos naturais - devendo ser protegido e respeitado, tal como a vida humana, tem raízes antigas. Somente nas sociedades ocidentais essa ontologia é concepção incipiente e, por não haver uma cultura de fruição do que oferece a Natureza, mas sim de exploração de seus recursos, é que se fazem necessários regramentos legais para as ações humanas.

Vistas as paisagens como 'entidades vivas com o estatuto de pessoa legal', Graham Harvey³⁸ considera que o reconhecimento de não-humanos como pessoas é fundamental para uma visão de mundo animista. Define pessoa da forma seguinte:

“Pessoas são aquelas com quem outras pessoas interagem, variando graus de reciprocidade. Pode-se falar com as pessoas. Os objetos, ao contrário, costumam ser falados. As pessoas são seres volitivos, relacionais, culturais e sociais. Eles demonstram

³⁶ O Tribunal Constitucional da Colômbia em decisão de 2017, considera o rio Atrato, na província de Chocó, território majoritariamente afrodescendente, como sujeito de lei e ordena ao Estado um plano de proteção contra o transbordamento da mineração. (Vlaene, 2017)

Em 2018, a Suprema Corte colombiana decidiu que a Amazônia colombiana era uma "entidade, um sujeito de direitos" e o Tribunal ordenou ao governo reduzir a zero o desmatamento da Amazônia e as emissões de gases de efeito estufa. (Goeckeritz, Issac & Berros, María V. & Crimmel, Hal [produção] (2018). *The Rights of Nature: A Global Movement*. [filme]Equador, Nova Zelândia e Estados Unidos da América do norte)

³⁷ Citando a decisão do Parlamento da Nova Zelândia, a Suprema Corte do Estado de Uttarakhand na Índia, decidiu que os rios Yamuna e Ganges (Vlaene, 2017) bem como os lagos e florestas na região de Himanaya deveriam ter os mesmos direitos que as pessoas. (Goeckeritz et. al. 2018)

Em sua decisão, o tribunal proferiu ordens de proteção dos rios, suspensão das atividades de mineração e criação de órgãos gestores dos rios e declarou que: “Os rios fornecem sustento físico e espiritual a todos nós desde tempos imemoriais.” (International Rivers, Earth Law Center, Vance Center, s.d. Direitos dos Rios - Um estudo global da jurisprudência dos Direitos da Natureza em rápida evolução relacionada aos rios. s.d.)

³⁸ Harvey apud Hall, 2011

agência e autonomia com vários graus de autonomia e liberdade.”
(Harvey apud Hall 2011: 105)

De uma perspectiva relacional da noção de pessoa e da percepção do meio ambiente, Nurit Bird-David afirma ainda que “não personificamos, primeiro, outras entidades e depois, socializamos com elas, e sim as personificamos *como, quando e porque* socializamos com elas.” (Bird-David, 2019: 129). Assim, o conhecimento cresce da relacionalidade.

‘A arte é a contemplação; é o prazer do espírito que penetra a natureza e descobre que a natureza também tem alma.’

Auguste Rodin

‘No Equador, na Colômbia, em algumas dessas regiões dos Andes, você encontra lugares onde as montanhas formam casais. Tem mãe, pai, filho, tem uma família de montanhas que troca afeto, faz trocas. E as pessoas que vivem nesses vales fazem festas para essas montanhas, dão comida, dão presentes, ganham presentes das montanhas.’ (Krenak, 2019: 10)

A concessão de personalidade jurídica à paisagem traz no seu bojo, além de desdobramentos políticos e sociais de grande relevância, um impacto profundo na visão de mundo da autora a resvalar para outros pólos subjetivos. Interações criativas, inexplicáveis até então, ganham corpo e essência quando a artista é confrontada com a pessoa legal da paisagem para, na sequência, vislumbrar sua *Anima Lírica*, dotada de alma poética e agora reconfigurada como personalidade artística, identidade holística coletiva que guarda um ‘compósito de partículas transferíveis que formam sua substância pessoal’ (Mines apud Bird-David, 2019: 109).



10. *É lá que tudo ondeia* {ação experimental} -
arquivo pessoal da autora (2020)

Diante da urgência guattariana de quebrar paradigmas, 'desenraizá-los de seus vínculos pré-estruturalistas com uma subjetividade totalmente ancorada no passado individual e coletivo' (Guattari, 2001: 20) é que cabe o redimensionamento para um olhar horizontalizante da paisagem a fim de compor outras configurações existenciais.

Assim, esta dissertação parece testemunhar o descortinar de novas possibilidades de interpretar aquele mundo que ora se nos apresenta repaginado e revisado, como em uma nova edição, de identidade recadastrada e até de acesso a reafirmações de cidadania com facetas atualizadas e mais apropriadas para um início de século.

I. MANDRÁGORA



11. Casa Bilinho Bichano
Vila Verde - arquivo pessoal
da autora (2020)

‘Artesanato de-coração’

singularidades horizontais das artes

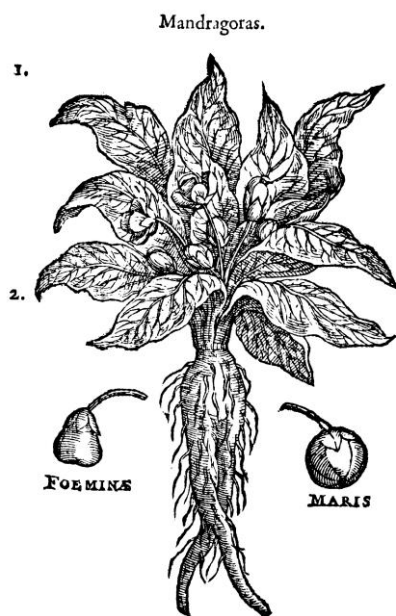
A expressão ‘artesanato de-coração’ vem das palavras de Jorge Pinheiro, artífice vilaverdense que, não somente ao objeto decorativo produzido por ele, mas também e principalmente no fazer artesanal, embute um sentido afetivo e ainda deixa traços de singularidade em cada uma das suas peças.

Diante da abundância e da rica variedade de materiais que o solo oferece, seu aproveitamento é ponto essencial no melhor entendimento da dinâmica organizacional de seus habitantes. As matrizes tradicionais de sustentação econômica e cultural que vêm por séculos moldando as sociedades rurais têm na prática agrícola e no artesanato seus pontos basilares dentro da caracterização da sua geografia humana.

A origem do artesanato remete-nos ao primeiro meio de produção de arte manual, e sua prática até os dias de hoje é prova de que há algo inerente à natureza humana nessa atividade, que empresta aos seus atores talento e criatividade, mais do que algum meio confortável de subsistência. Confrontando a visão aristotélica de trivialidade com relação ao trabalho artesanal, o fascínio por este ofício pode-se dever em parte pela descoberta da manualidade como fator de diferenciação da espécie humana, a exemplo da confecção dos primeiros artefatos elementares de caça e demais ferramentas, com utilização de barro, pedra, pedaços de pau, ossos, penas, lã e couro. Nesse sentido, sua história remonta a tempos imemoriais e revive nas mãos dos artesãos de hoje todo o seu passado eivado de tradição e criatividade.

O contacto com pessoas do artesanato em Vila Verde e Barcelos³⁹ é elemento facilitador para a cientista social ambientar-se e interagir mais profundamente com o mundo rural e seus modos de vida que, mal compreendidos, perdem visibilidade no contexto maquínico da contemporaneidade. Como um anseio pelo resgate às raízes da manualidade, por uma melhor compreensão das

³⁹ A cidade de Barcelos é conhecida como a capital do artesanato em Portugal com rotas turísticas pelos diversos tipos de artes e local de origem da lenda do galo de Barcelos.



12. Stirpium historiae pemptades sex sive libri XXX. Antverpiæ - Rembert Dodoens (1583)

próprias pulsões e palpitações, enfim, do próprio eu artístico em sua essência, física e metafísica, busca-se na ressingularização um resgate do olhar transversal no campo social, ambiental e subjetivo (Guattari, 2001).



13. O Diabo tocando violão - Rosa Ramalho (1888-1984)

Em uma palestra na quinta edição URD inserida no painel “Diluição das fronteiras criativas - um ecossistema de teia colaborativa que nasce”, Adélia Borges⁴⁰ reflete acerca das hierarquias do mundo, onde o homem é mais importante que a mulher, o branco é mais privilegiado que o negro, o escolarizado é superior ao autodidata, o que vem de cidades globalizadas é mais relevante do que do ‘resto do mundo’, o artista e designer são mais importantes que o artesão e assim por diante. Enfatiza destarte o necessário reconhecimento e fortalecimento do saber não formal, convocando a uma reflexão horizontalizada acerca das pessoas do artesanato no intuito de quebrar o paradigma de que a(o) artesã(o) é um trabalhador(a) da arte mais do que um(a) artista criador(a). O artesanato não seria um meio de vida simplesmente, mas sim, um modo de sentir e de viver. Completa que, apesar de muitas vezes, mestres e mestras não possuem o saber formal, são dotadas de um conjunto de saberes tradicionais e de experiências pessoais agregadas a espontaneidade e intuição embutidas na elaboração e produção de cada peça.



14. Produtos em linho, fonte: Câmara Municipal de Vila Verde

O trabalho artesão é um símbolo das reivindicações de singularidades em oposição à padronização imposta pelo desenvolvimento do trabalho maquínico. A habilidade individual das mãos é dotada de uma energia a ‘sustentar a produção de existentes singulares ou de ressingularizar conjuntos serializados’⁴¹; além de remeter à ancestralidade e a uma releitura contínua da capacidade criativa do labor humano.

⁴⁰ URDI - Feira de Artesanato e Design em Cabo Verde organizado pelo Centro Nacional de Artesanato, Arte e Design (CNAD) que ocorreu em Cabo Verde entre os dias 25 e 29 de novembro de 2020

⁴¹ Guattari, 2001: 29



15. Rosinha (2020) Vila Verde



16. Domingos (2020) Barcelos



17. Jorge (2020) Vila Verde



18. Cecília (2020) Vila Verde

'Verde que te quero verde'

etnografia visual no norte de Portugal



19. Lenços de Namorados - artesanato de Vila Verde, fonte: <http://namorarportugal.pt/en/conteudos/conteudo/id/169>



20. 'Puxado' peça artesanal de Cecília (2020) arquivo pessoal da autora

'Verde que te quero verde.

Verde vento. Verdes ramas.'

Federico García Lorca

Circunstâncias e facilidades logísticas colocam Vila Verde como ponto de partida do projeto⁴²; trata-se de um concelho com 46.911 residentes⁴³, local bem caracterizado pelo próprio nome, cuja predominância do verde pode ser explicada por seu alto índice pluviométrico que, aliado ao sol estival, permite exuberância característica de sua vegetação.⁴⁴

Eivado de valor histórico, social, criativo, cultural, político e simbólico, o artesanato tece uma narrativa muito rica no contexto vilaverdense que vai além dos tradicionais lenços de namorados bordados em linho ou algodão.

Na Lage, Cecília e Rosa confiam a transmissão dos seus saberes tradicionais da tecelagem e suas técnicas principais:

"Este é o puxado, conforme se puxa fica todo puxadinho."

Cecília Castro

Hoje, a maior parte dos materiais usados no tear são os pedaços de tecidos de algodão que sobram das fábricas de confecção; embora, como afirma Rosa, "antigamente não era nem trapos, era com restos da roupa velha!"

⁴² A recolha etnográfica não teve como princípio a representatividade dos ofícios nem dos concelhos.

⁴³ INE, 2019

⁴⁴ Salesse, Emanuel (2004). Verde Paisagem, entre Natureza e Agricultura. In *Vila Verde: Uma Etnografia no Presente*. Câmara Municipal de Vila Verde. Vila Verde.



22. Cecília (2020) Vila Verde



21. Jorge (2020) Vila Verde

Em Moure, Jorge ensina a tecer um leque em bambu, além de expor suas peças com materiais diversos.

E numa deslocação a Galegos São Martinho em Barcelos, Domingos mostra as voltas de uma roda de oleiro, além de peças de cerâmicas tradicionais de variadas formas e tamanhos.



24. Domingos (2020) Barcelos



23. Domingos (2020) Barcelos



25. Rosinha (2020) Vila Verde



26. Poster filme curta-metragem 'Texturas Oníricas' - Alexia Sera (2020)



27. Imagem filme curta-metragem 'Mandrágora' partir dos registros etnográficos com as pessoas do artesanato de Vila Verde e Barcelos (2021)

<https://www.youtube.com/watch?v=Oc-ES5L-wbs&t=184s>

Com a experiência anterior bastante enriquecedora de produzir 'Texturas Oníricas' (<https://vimeo.com/509890604>), um curta-metragem desenvolvido no primeiro ano do curso de mestrado (2020) pelas terras de Sistelo, Soajo, Castro Laboreiro, Vila Verde e Amares, é a lógica por trás do desejo por parte da autora de partir para um novo projeto a incluir registro audiovisual, desta feita com propósito de trabalho de etnografia audiovisual.

“A ciência etnográfica tem como fim a observação das sociedades, como objeto o conhecimento dos fatos sociais.” (Mauss, 1993: 21)

Trata-se de método de pesquisa que tem na observação de uma dada realidade sociocultural seu elemento investigativo: um conjunto de experiências pessoais e de “dados” na forma de anotações, gravações, fotografias, filmes que estruturam a base documental sobre a qual se apoia a análise futura.⁴⁵

É interessante observar que, no concelho de Vila Verde, há abertura e fomento a essas formas de abordagem, pensamento e pesquisa; vide exemplo da publicação “Vila Verde: Uma etnografia no Presente”. De posse desse apoio, cresce o entusiasmo para tentar contentar expectativas e tentar registros documentais de interesse para a comunidade como forma de retribuição.

Etnografia é tarefa que requer um olhar distanciado do observador, exigindo extremo cuidado no sentido de evitar distorções interpretativas ou interferências sobre a realidade retratada. Tome-se como exemplo, a atitude que, no início, durante a fase de estudos do local, a pesquisadora se pega capturando imagens seletivas, somente daquelas que iam de encontro com o seu imaginário, um rural bucólico e incólume, furtando-se de registrar aspectos e elementos da modernidade dentro do mesmo cenário; talvez, ato impensado, um modo de

⁴⁵ Durand, Jean-Yves org. (2004) Vila Verde: Uma Etnografia no Presente. Câmara Municipal de Vila Verde. Vila Verde.



29. Exército de Vasos, Vila Verde - arquivo pessoal da autora

Apesar da tentativa de não influenciar a pesquisa com uma visão pessoal, as imagens produzidas “não deixam, no entanto, de ser resultado e espelho de uma determinada maneira de imaginar o país, de acordo com os objectivos de cada um dos projectos.”⁴⁶

Além disso, o olhar pessoal está presente em cada etapa, os ângulos, os focos, a edição; em nenhum momento o registro etnográfico deixa de conter a visão da pesquisadora-diretora. Sarah Pink reforça esta assimetria, afirmando que, ‘como qualquer representação etnográfica, a filmagem da pesquisa é inevitavelmente construída’ onde ‘conhecimento é produzido na interação entre informante e pesquisadora ao invés de uma realidade objetiva que pode ser registrada e levada para casa em um caderno, filme fotográfico ou fita.’⁴⁷

Foi com o desenvolvimento e difusão dos meios de registro audiovisual, que se descortinou a etnografia visual, a qual se, por um lado, fornece um detalhamento material mais preciso comparado com as anotações escritas, além de registrar a ação na sua totalidade e no seu dinamismo, permitindo assim tornar a vê-la posteriormente⁴⁸; por outro lado, dispõe a câmera de forma distrativa e até intrusiva. Portanto, uma tarefa que

⁴⁶ Pereira, Lais (2016). Documento e discurso: sobre os inquéritos (à fotografia e ao território). *Revista Práticas da História* 1, n.º 2: 163.

⁴⁷ Pink, Sarah (2007) [2001]. *Doing Visual Ethnography*. Sage Publications, London, California, New Delhi, Singapore. p. 98

⁴⁸ Bernardi, 2007

muitas vezes é ardilosa durante a gravação é a de criar uma proximidade com as pessoas que serão filmadas, atores informais do processo documental, entretentes, sem interferir na autenticidade da realidade retratada.

A pesquisa etnográfica representou a oportunidade de desvelar e aprofundar a relação com os diversos conteúdos da atividade artesã, vivenciando-se um papel de aprendiz e sugestão artística. Tais vivências em oficinas e residências, embora curtas, proporcionaram a possibilidade de apreciar ferramentas, peças em produção ou já prontas, demonstrações de talento e técnica direcionadas ao campo das artes manuais e seus truques.

Para questões de cinematografia, há um mundo de fontes de inspiração e referências. Num recorte interessante, chama atenção o zelo e a paciência do diretor Shinsuke Ogawa no seu projeto rural 'Magino Village: A Tale' (1987), quando registra o cotidiano e o ativismo de fazendeiros contra a construção do aeroporto de Narita; e, para tanto, investe nada menos do que algumas décadas morando e trabalhando junto à comunidade. Numa outra narrativa, que retrocede no tempo, surpreende também o resultado estético alcançado pelo trabalho de Susana de Sousa Dias que, em seu filme '48' (2010), recolhe testemunhos de 16 pessoas presas e torturadas pela polícia portuguesa do Estado Novo (PIDE) e o resultado final é composto unicamente por vozes que se sobrepõem às fotografias do próprio arquivo da polícia.

A busca conteudística inclui também filmes dos russos Andrei Tarkovsky e Alexander Sokurov; do primeiro bebe-se do onirismo e das digressões filosóficas sobre a existência humana; já o segundo destaca-se não só pelo seu peculiar experimentalismo, mas também pelo choque da crueza traduzida em *opsigno* e *sonsigno*⁴⁹. Integrando ainda as referências cinematográficas, integra o grupo o diretor tailandês Apichatpong Weerasethakul cujos filmes enfoca questões espirituais que viajam num jogo entre realidade e ficção, físico e metafísico, em riquíssimas simbologias. Menciona-se também o diretor chileno Patricio Guzmán que com sutileza e sobriedade, eivado de humanismo, faz confluir abordagens poética e política de forma contundente e arrebatadora.

⁴⁹ Representações diretas do tempo. De acordo com Deleuze é tornar sensíveis o tempo e o pensamento, torná-los visíveis e sonoros.

'Veio aqui esta senhora, veio m'aqui filmari.'

notas etnográficas

Apesar do tempo chuvoso de outono, as incursões projetuais seguem um cronograma prévio, permitindo coletar material de estudo a partir da abordagem de quatro artesãos dos locais visitados: Jorge, Cecília, Domingos e Rosa. Em primeira pessoa, seguem abaixo breves anotações da experiência etnográfica em Vila Verde e Barcelos.

Nome: *Jorge Pinheiro (61)*Local: *Moure, Vila Verde – Braga*Data: *31.10.2020*Artesanato: *Cestaria, Pedra, Madeira*

30. Jorge brincando com suas peças artesanais - arquivo pessoal da autora (2020)

- E esse também é decoração?

- 'É, é do coração é!'

Jorge Pinheiro

Antes de Jorge me receber em seu domicílio e ateliê, eu já havia tido contato com suas peças de cestaria decorando a casa de seu sobrinho, meu companheiro de viagem. Um tanto inesperado e fortuito, o primeiro encontro, teve ainda assim, da parte dele, uma receptividade entusiástica e acalorada.

Jorge está reformado e compartilha seu teto e seus melhores momentos com sua esposa Aurora. De personalidade bastante extrovertida e espontânea, ele conduziu o encontro num clima de

conversa informal, descontraída, e cheia de histórias para se contar. Por conta do distanciamento físico, permaneceu todo o tempo de máscara, impedindo que se visualizasse seu bigode dito peculiar; completou o figurino com seu chapéu inseparável. Ao se adentrar pela porta da casa, depara-se com a cozinha e sua parede esquerda forrada, do chão ao teto, de materiais variados de artesanato, desde pedras de diferentes tamanhos e formas até trabalhos com vime, bambus, e outras produções suas já acabadas e por acabar. Nas outras paredes da cozinha ficam dependurados pesados utensílios e peças de metal como ferraduras, facas, espadas e cruces de ferro. Contígua à cozinha, segue uma saleta totalmente abastecida de seus trabalhos de cestaria, memória compartilhada com antigos objetos como lamparinas, ferros de passar roupa, além de álbuns de família e um grande retrato dele próprio pendurado na parede. Em um tom animado, ele brinca com suas bengalas artesanais como se fossem metralhadoras, os leques como raquetes de tênis e assim vai apresentando suas peças de artesanato. Termina por presentear a pesquisadora com um leque feito em bambu e fitas de plástico.



31. Leque artesanal presenteado por Jorge - arquivo pessoal da autora (2020)

Dentre os contactos estabelecidos, Jorge tornou-se o único que possibilitou um reencontro, isto graças a Aurora, que ligou para avisar que ele estava naquele momento a trabalhar numa peça e, assim, convidou para observar o seu processo criativo. Essa segunda visita permitiu observar a habilidade de suas mãos e a concentração do artista em pleno processo produtivo de um leque em bambu; entre piadas e risadas, foi nos mostrando detalhes no manuseio do material. Matérias-primas espalhadas pela mesa da cozinha, ferramentas várias dentro de um balde, cortava, raspava e derrubava os bambus para cima e para baixo. Aurora se chateia com ele por não arranjar outro lugar para trabalhar suas peças, por ser ela quem limpa tudo após a bagunça deixada por ele, que ainda risca os eletrodomésticos, deixa a cozinha um caos. Na visita anterior, Jorge lembrava que foi ela quem trouxera a primeira pedra para sugerir a ele trabalhar nela, primeiro de uma série de trabalhos de escultura em pedra. Um erro, responde ela sorridente.

Nome: *Cecília Castro*
 Local: *Lage, Vila Verde – Braga*
 Data: *09.11.2020*
 Artesanato: *Tecelagem*



32. *Cecília* mostrando suas peças-
 arquivo pessoal da autora (2020)

“Tu não vais acreditar, o raio da galinha apareceu!”

Cecília Castro

Cecília trabalha em casa: em dias de sol é agricultora, em dias de chuva, tecelã. Orgulhosa com a sua colheita de batata em

novembro (2020), aproveita a visita para dar uma volta e mostrar o seu enorme quintal recheado de verde. Ela produz desde hortícolas, o tradicional Jerimu de Vila Verde, fruto de aboboreira, mel, além de criar coelhos e galinhas, estas que até trepam na árvore para picar os caquis (dióspiros).

Mostra-nos seus tapetes nomeando as diferentes formas de tecelagem, listrados, puxados... diz-me, porém, que atualmente tem o seu tear desmontado pois a agricultura anda tomando uma parte maior do seu tempo.



33. Cabaças cultivadas pela *Cecília* -
 arquivo pessoal da autora (2020)

Afirma que seus tapetes não têm tido saída recentemente, uma vez que as feiras, por conta das restrições impostas pelas autoridades, estão impedidas de serem realizadas. Outrossim, lacônica, questiona se há ainda viabilidade para a continuidade daquele ofício.

Essa visita foi mais curta e girou mais em torno da agricultura.

Mesmo assim, foi-me possibilitado visualizar sua variedade de peças prontas. De todas as pessoas documentadas, foi a única que dela não pude capturar imagens suas trabalhando, uma vez que o tear estava naquele momento desmontado. Entrementes, foi ela que me passou o contacto de Rosa, a quarta artesã desse grupo.



34. Peças artesanais feitas pela Cecília - arquivo pessoal da autora (2020)

O segundo contato foi à distância, visando a consecução da montagem da 'Sementeira Artesanal'. O intuito era encomendar peças suas para a ação artística, tanto para direcionar energia humana embutida nas peças de volta para a terra, fonte das diversas matérias-primas; outrossim, uma forma modesta de incentivo e gratidão.

Cecília foi a artesã-participante que mais se empolgou e se envolveu na elaboração das ideias dessa ação, de conteúdo muito relacionado com a sua segunda ocupação, a agricultura familiar.

O plantio, o adubar, colher e replantar; um ciclo que se autoperpetua. Doravante, deve-se dedicar cada dia menos à tecelagem, mas foi num arroubo de generosidade que me cede uma peça-modelo, somente para mostruário. Dessa maneira, passa para minhas mãos o 'puxadinho', sua contribuição para a sementeira: "para que tires boa nota!", arremata.

Nome: *Domingos*

Local: *Galegos São Martinho, Barcelos – Braga*

Data: *9.11.2020*

Artesanato: *Olaria*



35. Domingos recolhendo suas peças artesanais que secam no seu quintal - arquivo pessoal da autora (2020)

'Isto é feito assim, para ficar bonitinho com olhinhos e tudo.'

Domingos

A jornada que me pôs em contacto com Domingos teve suas etapas e contratempos. Em Barcelos, dirigi-me de pronto para uma loja de cerâmica localizada sob uma ponte, onde, um ano e meio antes, havia eu adquirido argila para passatempo. Lá, deparei-me com alguns artesãos que me recomendaram aquele que parecia ser o mais indicado para uma abordagem mais séria.

Arredio, porém, e aparentemente bastante atarefado para produção em larga escala, parecia não dispor de mais tempo além do dedicado para seu ofício.

Um tanto desapontada pela recusa, continuei minhas andanças por Barcelos, quando súbito vislumbro placas com diversos

nomes de artesãos. Passo por uma casa com fileiras de peças de cerâmica para secar onde pela janela entrevejo, em plena ação, um artífice e sua roda de oleiro. Ele tinha acabado de acender seu cigarro quando o abordei com a proposta de uma conversa gravada. Aceitou e calmamente apagou o seu cigarro começando a cortar a argila aos pedaços.

Era fim de tarde, e o sol adentrava a janela com uma luz alaranjada vibrante, com a mesma tranquilidade com que Domingos respondia às perguntas numa atmosfera calma e amigável, profundamente estimulante e inspiradora. Linguajar peculiar e personalíssimo, relata trabalhar com argila há “quarenta e muitos anos” desde que saiu da escola, aos “10 anos e tal” e que aprendeu com seu pai e seus irmãos mais velhos os quais também viviam do artesanato. Ele faz peças desde centímetro e meio até 20 e 25 centímetros; sua esposa é que ao chegar do trabalho trata da pintura. No interior da casa ficam guardadas peças prontas de diferentes tamanhos, formatos e utilidades dispostas dentro e fora de caixas de papelão sobre centenas de kilos de argila.



36. Sala onde Domingos armazena suas peças - arquivo pessoal da autora (2020)

No dia 23 de dezembro de 2020, com o Natal à porta, tive a oportunidade de voltar lá, mas dessa vez para comprar algumas de suas peças.

Nome: *Rosinha (74)*

Local: *Lage, Vila Verde – Braga*

Data: *11.11.2020*

Artesanato: *Tecelagem*



37. Rosa tecendo no tear –
arquivo pessoal da autora (2020)

'Isto é para não deixar acabar a antiguidade!'

Rosinha

Foi Cecília, a tecelã, quem me sugeriu falar com Rosa, uma vez que moravam as duas na Lage e já se conheciam. Pela descrição, não foi difícil reconhecê-la mesmo vendo-a de fora da casa, naturalmente tecendo, pois ela tece no tear armado dentro da garagem, portão aberto, e junto ao carro. Fui para lá após o término da entrevista com Cecília, mas o portão estava fechado. Nova visita no dia seguinte e ela lá estava; gentilmente aceitou conversar. Explicou que usa algodão para a urdidura e trapos das fábricas de confecção como trama, que antigamente eram usados restos da roupa velha para fazer mantas. Ela trabalha para uma

senhora, dona de um tear de metro e meio, que vem buscar suas peças para vendê-las não sabe onde.

Rosa afirma gostar muito do que faz e trabalha no tear “desde que me conheço” e sua família toda sempre foi ligada à tecelagem.

Por problemas de saúde, mais precisamente dos ossos, vai parar de trabalhar com o tear “acabando esta [rolo de urdidura] vou deixar”, diz lacônica.



38. Último rolo de urdidura de Rosinha - arquivo pessoal da autora (2020)

*Rolo aquele que estimou levar mais duas semanas
para ficar pronta.
Ou seja, o encontro deu-se a tempo para ainda
poder observá-la tecendo.*

*Porque “parar é morrer” ela vai se dedicar à
jardinagem a partir de então, pois adora flores.*

Nome: *Vascões*

Local: *Vascões - Paredes de Coura*

Data: *2.12.2020*



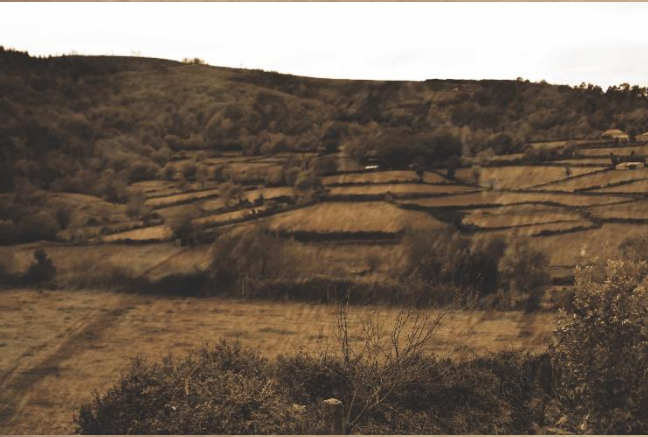
39. Paisagem de Vascões –
arquivo pessoal da autora (2020)

O encontro com Vascões e sua Anima Lírica deu-se em dezembro de 2020, um contacto cuja fluidez inesperada tocou no canto mais intimista do breu recôndito. Sua aparência é até hoje uma incógnita, mas o que se sabe é que nossos olhos lhe servem de espelho e que cada rodada de aplauso das folhas nas árvores anuncia o seu despertar. Há quem diga que ela utiliza as mãos das pessoas do artesanato para a materialização do lirismo, transformando o invisível em paisagem.



Vascões foi visitada pela primeira vez durante a XI edição das Jornada Micológicas em 2018 organizadas pelo Centro de Educação e Interpretação Ambiental (CEIA) da Paisagem

Protegida de Corno de Bico, sediados em um terreno baldio⁵⁰ cujos imóveis foram edificados aquando da criação da Colônia Agrícola da Boalhosa em finais dos anos 50 do século XX.



Numa área de 672 hectares, a Colônia Agrícola da Boalhosa é composta por quinze habitações germinadas capaz de acolher trinta “casais agrícolas”, complementado por outros equipamentos, designadamente a escola primária, a residência do professor - atuais instalações do CEIA - e um forno comunitário. Por falta de financiamento não foi possível construir o planejado posto médico e a capela. A criação das colônias agrícolas tinham como objetivo tornar os baldios improdutivos em terrenos agrícolas, visando a fixação de pessoas em zonas despovoadas.

Atualmente, em Vascões, coabitam 218 seres humanos⁵¹ além de algumas vacas Cachenas que de vez em quando resolvem aparecer para um cumprimento apressado.

Essa paisagem metafísica e atemporal hipnotizou-me à primeira vista. No dia das jornadas micológicas, caminhando trilha afora, as cores, texturas, formas, composições, nuances, harmonias que convidam os desavisados visitantes ao mergulho e encantamento, difícil foi não me perder em sua imensidão mágica. Eis que Rafael, companheiro de viagem, teve a ideia de buzinar o carro para me servir de guia para a saída. Sozinha no matagal e depois de muito procurar e aguçar meus ouvidos, permiti-me ser conduzida pela paisagem até a estrada principal onde me aguardava Rafael.

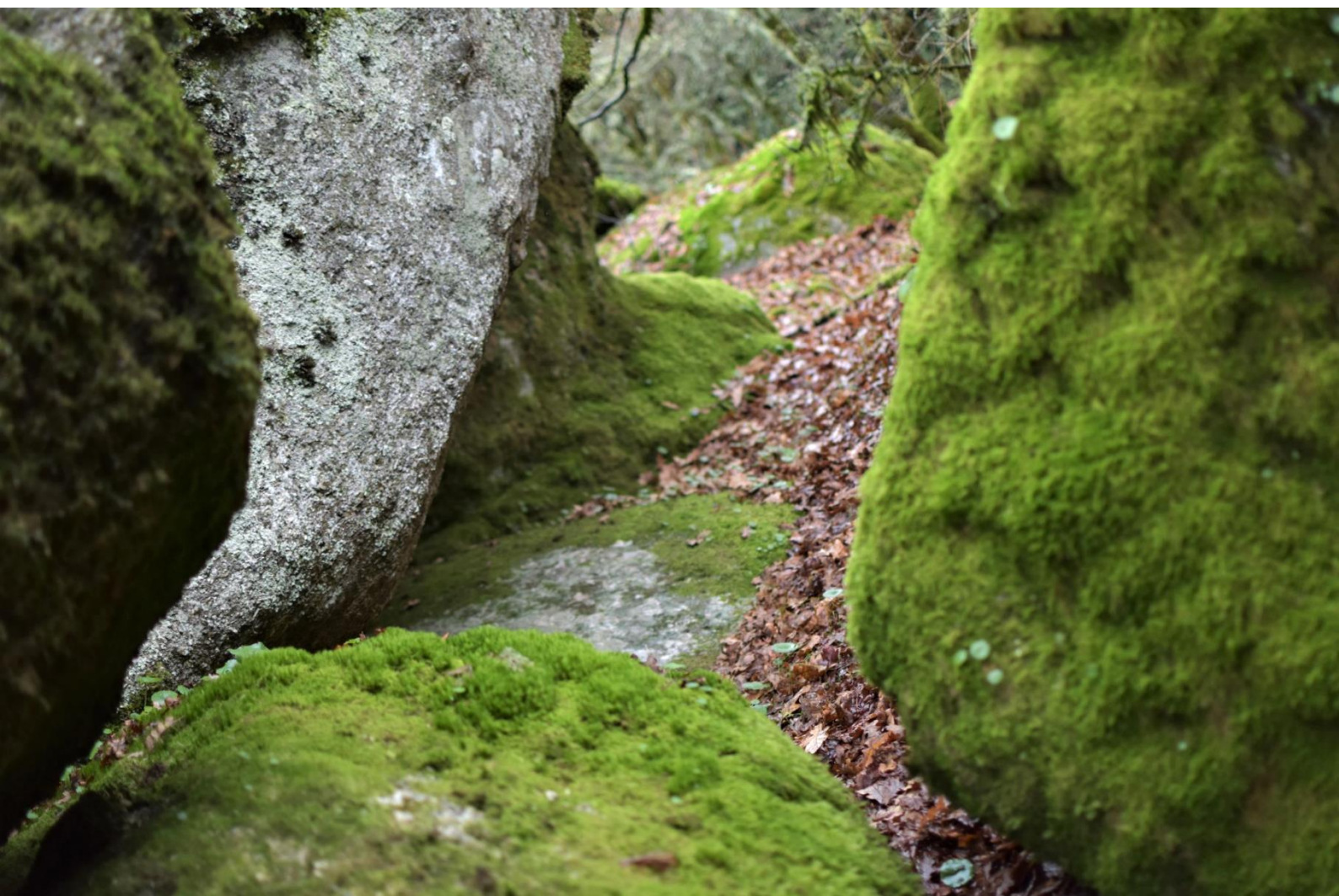


⁵⁰ Os baldios são terrenos de uso comum por comunidades locais, anteriores à ocupação romana da Península Ibérica, que se mantiveram na posse de comunidades locais ao longo dos séculos. Tendo as práticas da economia camponesa (circulação simples de mercadoria) como base, os baldios são terrenos comunitários, com regime próprio, com uma longa história de usufruto no interesse coletivo. O pastoreio constitui, no início, a principal utilização dos baldios como uma fonte de rendimento complementar, componente indispensável à economia agrícola.

Serra, Rita (2019), "Baldio", *Dicionário Alice* em https://alice.ces.uc.pt/dictionary/?id=23838&pag=23918&id_lingua=1&entry=24610. ISBN: 978-989-8847-08-9

⁵¹ INE, 2021

II. CAMINHOS PARA ANIMA LÍRICA



41. Caminhos para *Anima Lírica*
- arquivo pessoal da autora (2020)

Mapa de referências artísticas

É diante do imponderável, da convulsão planetária, da inquietação, que desperta e nasce a expressão da *anima lírica*, uma forma de busca ao refúgio original dentro do animismo da paisagem natural em sinergia com os recônditos da alma.⁵²

As paisagens naturais sempre foram e são fonte constante de inspiração para os artistas; isso ocorre desde antes das telas das pinturas do Renascimento, do século XV, período em que surge uma intencionalidade de retratar e elevar a paisagem como um tema pictórico por si, sem ser simples fundo de figuras humanas em primeiro plano. Com isso, a ordenação da pintura também passou a ser aplicada em jardins e parques evoluindo, a partir daí, para lugares mais remotos, de paisagem mais rústicas.

A arte contemporânea com mote na paisagem ganha hoje contornos de *Earthworks* embora ela já existisse sem um nome específico para designá-la. Artistas diversos já há muito trabalhavam no cenário natural, embora não tivessem tido suas obras reconhecidas dentro de qualquer estética; junte-se a isto o fato de a organicidade e efemeridade das obras não resistirem às intempéries naturais às quais, sabidamente, estavam as arte intervenções expostas.

“A paisagem, um assunto tradicional, foi tratada da maneira mais não tradicional. Em vez de representá-lo em pintura sobre tela, vários artistas optaram por entrar na própria paisagem, usar seus materiais e trabalhar com suas características marcantes. Eles não estavam retratando a paisagem, mas se envolvendo com ela; sua arte não era simplesmente da paisagem, mas também dentro dela.” (Beardsley, 1989: 7)

Ambientadas nas zonas rurais do norte de Portugal, a planificação das incursões artísticas aproveitou a moldura da ação adotada no filme

⁵² Pelo caráter íntimo das reflexões e ações experimentais e artísticas do campo projetual, a autora desses projetos assume a postura artística em primeira pessoa; podendo variar entre o singular e o plural de acordo com o caráter individual ou coletivo de outros.



42. Cena do filme 'Visages Villages' - Agnes Varda (2017)

'*Visages Villages*'⁵³ da diretora Agnès Varda e do fotógrafo JR. Um filme documentário que definitivamente provoca uma catarse na artista para a ideia de se criar um paralelo ao filme, na mesma sintonia mambembe⁵⁴ pelo espaço público a céu aberto, dentro do formato deste projeto. No caso do filme, em diversas andanças pelo interior da França, cineasta e fotógrafo visitam diversas comunidades e criam retratos gigantes das personagens locais, colando-as nas paredes e muros de casas, locais de trabalho, trens, etc, todos devidamente contextualizados. Química perfeita: viajar, conhecer pessoas, realidades, o mundo rural, registro cinematográfico e ações artísticas no espaço público com participação das pessoas das próprias localidades.

Assim, bagagem na mão e aliada à vontade de descobrir os saberes ancestrais do artesanato, realiza-se uma pesquisa a partir da etnografia visual com pessoas do ramo, em Vila Verde e em Barcelos. A ideia enseja completar esta atividade com uma ação de arte relacional conjuntamente com esses mesmos membros das comunidades, uma arte coletiva com e na paisagem em elaboração e participação sociais.

A figura da gente do artesanato emerge dentro do contexto de legitimação de suas histórias embora pouco se tenha enfatizado a sua faceta de uma personagem que permeia a própria evolução da humanidade. Assim, a memorialização dos processos artesanais constitui um arquivo histórico vivo que se renova e atualiza; parece, sim, um passado que não quer passar. Ao executar suas peças, os artesãos têm nelas sua forma de expressão e habilidades criativas, o que lhes angaria reconhecimento social e inserção no meio em que vivem.

Contemporaneidade de interações humanas desestimuladas, bem como deslocamentos e viagens, tais contactos acabam por ser interrompidos, concorrendo para uma nova orientação dos planos e metas do projeto. A pesquisa etnográfica, entretantes não completada, possibilita a coleta de uma mostra significativa da produção artesanal, aí residindo o valor desse material que registra porventura o fim de uma era.

⁵³ Varda, 2017

⁵⁴ sem teatro ou um local específico de atuação.

Durante o período de confinamento de 2020 em que uma parcela significativa da humanidade se recolheu em suas casas, a natureza pôde, durante alguns meses, recuperar, avançar e (re)ocupar os espaços. (Ampudia apud Correia, 2020). Sob essas circunstâncias, foi realizado o *Concierto para el Bioceno* em Barcelona, com lotação esgotada, onde as plantas foram reconhecidas enquanto sujeito e convidadas a ocupar os 2.292 assentos da plateia do *Gran Teatre del Liceu*.



43. Eugenio Ampudia. *Concierto para el Bioceno* (2020)
Intervenção artística. Gran Teatre del Liceu, Barcelona.
<https://www.youtube.com/watch?v=rqvadprJFR>

Interrupção forçada da pesquisa etnográfica, a autora vê-se tomada por um momento de paralisia no fluxo de pensamento. Confinada como Héstia⁵⁵ entre quatro paredes, tal como em 'O Cavalo de Turim' (2011), do cineasta húngaro Béla Tarr, a sensação é a mesma de estar diante da secura das fontes da água vital, em total ostracismo e deslocamento. O mundo estar passando por um momento mais recluso e de distanciamento, com impacto profundo na psique universal, vê, num revés, despertar na artista uma possibilidade de escapar desse imobilismo paralisante através de um olhar mais poemático do derredor, um oásis dentro da própria invisibilidade na forma produtiva de reconquista do espaço perdido.



44. Cena do filme 'O Cavalo de Turim' - Alexander Sokurov (2011)

⁵⁵ Héstia, divindade do lar, é a deusa grega do fogo da lareira ("lar" o local da casa onde estava o lume) cujo objetivo sagrado é zelar pelo bem-estar e segurança das casas. Ela era a única divindade que estava permanentemente no Olimpo, dali nunca saindo, ao contrário dos outros deuses que pelo mundo vagueavam.

A alma poética a espiar o primeiro lar ontológico da espécie, a mata virgem, primeiro e último refúgio. Expectativa inicial de intensas partilhas com as comunidades rurais cursa, na prática, na forma de reflexões de matizes variadas para se deparar com o lirismo, materializado numa forma transcendental de chamamento para a opulência natural do espaço rural de Vascões situada no município de Paredes de Coura, um lugar a permitir devaneios e contemplação de sua imensidão verde. Constituída por 439 espécies endêmicas entre musgos (*Bruchia Vogesiaca*, *Bryoerythrophyllum campylocarpum*), bosque misto dominado por espécies caducifólias e bosques ripícolas, i.e. nas margens dos cursos de água, suas diversas tonalidades harmonizam a composição da rica flora daquela paisagem.

E como num reencontro marcado que se depara a artista fazendo uma caminhada por Vascões, cenário, recurso, inspiração e, ao mesmo tempo, parceira de pequenas ações, imagens e proposições que apropriam-se do tema do artesanato a trafegar por interconexões eu-lírica-natureza dentro de uma narrativa que acaba por constituir fragmentos poéticos lançados no ambiente, materializados pela manualidade a trabalhar junto aos elementos do local.



45. Mapa das ações artísticas em Vascões - fonte: google maps

O percurso artístico depara-se de passagem pelo trilho do movimento *Earthworks* dialogando com artistas que trabalham com e na paisagem através de um viés ecológico, tais como Andy Goldsworthy que utiliza os materiais encontrados na paisagem local para seus trabalhos; Lucía Loren que, imersa na paisagem, incorpora técnicas artesanais em suas instalações utilizando materiais para arranjos diversos, como raízes, artesanias e todas as potencialidades da natureza que gera vida.

“Sinto que ambas [arte e artesanias] estão perfeitamente integradas e não posso encontrar sentido nessas rupturas, dicotomias, que esta sociedade acentua nesses racionalismos entre arte e cultura e natureza. Sinto-me parte da natureza, estou aqui, como parte da natureza e também sou cultura. E o mesmo com arte e artesanias. Meu trabalho é gerado a partir da arte, mas também da artesanias e não sou mais que um ou outro...”⁵⁶



46. 'Ombra' - Lucía Loren (2019)

⁵⁶ Retirado da conversa que Rita Peixe e Rita Nogueira tiveram com Lucía Loren no âmbito do painel de conversa “Entre arte, raízes e artesanias: Lucía Loren sobre o pensar as sutis relações da vida, Rita Inês Petrykowski Peixe e Rita Nogueira (IFSC)” incluídas no I Congresso Internacional “Diálogos entre Brasil e Portugal — O ensino artístico que temos e o que queremos” realizado em setembro de 2020 pelo i2ADS

Metapoemas de interação simbiótica com a paisagem

ações artísticas



47. Ossos pelos caminhos de Vascões - arquivo pessoal da autora(2020)

'Tudo era grande e pomposo no cenário que a natureza, sublime artista, tinha decorado para os dramas majestosos dos elementos, em que o ser humano é apenas um simples comparsa.'

José de Alencar em 'O Guarani'

A arte comporta um abrigo, um acolhimento, que transita entre a plácida contemplação e a ousadia. Neste caso, a arte do metapoema de dupla direção tenta integrar o cenário natural como parceira criativa, a inspirar e ser inspirado, a propor e aceitar proposições, um partilhamento perfeito, sem hierarquias, e em equidade respeitosa.

'Ossom' inicia as ações artísticas em Vascões. Primeiros elementos a se pronunciarem de dentro da paisagem, ossos encontrados pelo chão são dependurados ao ar com a planta giesta⁵⁷. Manifestação de vidas que evocam pensamentos acerca da transitoriedade da vida. Como se despretensiosamente reivindicar participação na elaboração artística, eis que se revela o vento como um sussurro a integrar a componente sonora da composição; uma experiência sensorial sinestésica mas de profundos significados no universo da transcendentalidade. Inquietações anímicas, como numa catarse, a artista têxtil apercebe-se em performance interativa onde elementos locais e de fora integram-se nas materialidades visual e sonora; sem despropósito, pois ao integrar reflexões, memórias e experiências sociais, ousa fazer repentinamente 'bifurcar o projeto inicial, para fazê-lo derivar longe das perspectivas anteriores mais seguras.'⁵⁸



48. La botanique de J.J. Rousseau - Paris :Delachaussee,XIV, (1805)

Na sequência, **'Ossom'** intitula também uma videoarte. A artista performática e os componentes de ossadas produzem vibrações embalados pelo vento, forçando-se refletir acerca dos vínculos afetivos com todos os elementos do meio ambiente, existentes ou existidos, numa simbologia de ritos de passagem, vidas em

⁵⁷ Giesta é uma espécie de arbusto nativo de Portugal.

⁵⁸ Guattari, 2001: 36

transformação; uma arte instalação unindo som e imagem para a criação de um ambiente para experimentações - mistura entre cultura popular e improvisação, numa desconcertada celebração sonora - no labirinto do tempo.



49. 'Ossom' - arquivo pessoal da autora (2020)

No solo fértil do chão de terra está simbolizado um mundo infinito de variabilidades da existência. O convívio de gramíneas, musgos, líquens, briófitas, em intimidade com o seu subsolo e, ao mesmo tempo, ladeados por árvores gigantescas, reforçam os sentimentos de gregarismo e confirmam sociabilidades, mutualismo e interdependência. À luz dos ensinamentos das pessoas do artesanato e utilizando técnicas ancestrais de tecelagem busca-se consubstanciar tal aprendizado na ação artística seguinte.



50. 'Tecendo Briófitas e Metapoemas Simbióticos' – arquivo pessoal da autora (2020)

Esse momento fica marcado como '**Tecendo Briófitas e Metapoemas Simbióticos**'. Pertencentes ao grupo das briófitas e vegetais minuto desprovidos de caule e folhas, musgos representam o início da vida vegetal fora da água e conferem aos troncos das árvores uma tessitura aveludada, um acobertamento verde como se a vestisse artesanalmente as peças com produtos têxteis.



51. "Lichenes" de Ernst Haeckel: Artforms of Nature, (1904)

Associações mutualísticas entre algumas espécies de fungos e algas, os líquens passam também a compor o conjunto da malha natural. A *anima lírica* acaba, assim, por vislumbrar composições que resultam dessas relações no universo vegetal passando a se aglutinar e se inserir nesse contexto para também compor o conjunto da obra têxtil natural.

Embora numa dimensão maior, a relação humano-Natureza remete-nos à ideia de uma relação que deveria harmônica e interespecífica de associação íntima com benefícios mútuos. Nesse entendimento, a perfeita simbiose de algas e fungos (líquens) reforça a simbologia do mutualismo⁵⁹, cuja relação inextricável parece sofrer contestações por mentalidades alheias a essa realidade. Modernamente, parece dominar o comensalismo ou o inquilinismo⁶⁰.

“Lynn Margulis formulou a Teoria da Simbiogênese, que defende que são as relações simbióticas, mais do que as mutações genéticas aleatórias, as responsáveis por grandes mudanças evolutivas. As células eucarióticas — as mais complexas — formaram-se a partir da união simbiótica entre células procarióticas. Os animais e as plantas são compostos por células eucarióticas e, se essa união não tivesse acontecido, a vida seria provavelmente constituída apenas por um conglomerado de bactérias.” (Margulis apud Yayo, 2021)

Nossa visão de mundo está atrelada ao modo como organizamos nossas ações, estas vinculadas à sociedade em que nos inserimos. Trago em mim, a clara noção de que os povos originários resistem em manter os mesmos e ancestrais modos de se relacionar com a natureza, diferentemente do colonizador europeu que sempre viveu do usufruto e da exploração econômica.

“Quando despersonalizamos o rio, a montanha, quando tiramos deles os seus sentidos, considerando que isso é atributo exclusivo



52. Cena videoarte 'Ossom' -arquivo pessoal da autora (2020)
<https://vimeo.com/486958542>

⁵⁹ MUTUALISMO é um tipo de relação simbiótica entre dois seres que se beneficiam reciprocamente.

⁶⁰ COMENSALISMO E INQUILINISMO é relacionamento no qual um dos organismos se beneficia, não afetando nem positiva ou negativamente a outra espécie em grau considerável.

dos humanos, nós liberamos esses lugares para que se tornem resíduos da atividade industrial e extrativista.” (Krenak, 2019:24)

Este embate de visões, naturalismo versus metalismo, perdura ainda hoje em novos formatos que contrapõem novamente dois antagonismos: preservacionismo versus desenvolvimentismo. É corriqueira a veiculação de noticiário sobre o garimpo ilegal na Amazônia, as queimadas, toneladas de agrotóxicos despejados nos rios pelo agronegócio, sem contar as deploráveis expulsões de povos indígenas de suas terras ancestrais, povos estes que, em reafirmações de suas singularidades, utilizam-se ainda de arcos e flechas para sua autodefesa.

Para reforçar a sinergia simbiótica em dupla direção com e na paisagem, **'Retalho de Pedras'** é construído à maneira de costurar com ossos duas pedras colossais, como se a restituir emoções furtadas, equilíbrios desfeitos, assim a simular um artefato trabalhado utilitariamente à maneira da solução artesã, com matéria-prima bruta encontrada no solo.



53. 'Retalho de Pedras' - arquivo pessoal da autora (2020)

Numa rocha nua, os líquens produzem ácidos orgânicos que vão decompondo a sua superfície promovendo uma espécie de varredura a eliminar outros organismos e a permitir o aparecimento de outros vegetais, como os musgos que, por sua vez, são responsáveis diretos a proporcionar o aparecimento de espécies maiores, como as bromélias e gramíneas. Pode-se refletir esta composição natural rocha-vegetal, numa dimensão maior, como uma interface litosfera-biosfera ou uma sagração do animado-inanimado em total cumplicidade. Por sinal, tão ao gosto da lírica barroca, o elemento rochoso fornece a perfeita antítese contra a noção do suave, subjetivo, leve, emotivo e poético.

E por fim, **'Sementeira Artesanal'**, composto por peças produzidas por Jorge (cesta), Cecília (tapete 'puxado') e Domingos (pequenos jarros) que, como sementes, são plantadas no solo de Vascões. Preparação da terra com os mesmos ossos, já caídos ao chão após seis meses da arte performance *'Ossom'*. Durante o escavar, raízes de plantas diversas parecem espreitar o acontecimento ao saltar para fora da terra, um gesto aceito de reafirmação de existência e coparticipação.



54. *'Retalho de Pedras'* - arquivo pessoal da autora (2020)



55. 'Sementeira Artesanal' -
arquivo pessoal da autora (2021)

Uma forma indireta de trazer as pessoas do artesanato para uma ação artística conjunta na paisagem, a participação simbólica deles no local reaviva memórias afetivas daqueles encontros em Vila Verde e Barcelos do final de 2020. Quiçá aquelas sementes do artesanato germinem fortes superando novas incertezas e inseguranças ramificando a partir de caules rizomáticos crescendo na direção de renovadas possibilidades.



56. 'Sementeira Artesanal' sequência –
arquivo pessoal da autora (2020)

Mandragoricamente essa ação tangencia uma história contada pelo povo Ngulugwongga⁶¹ do Rio Daly de como a flor de lótus vermelho surgiu em seu país. A *Yilig-moi-indih*, ou ‘Mulher do Lírio⁶² Vermelho’ viajou de outro país carregando consigo raízes de lótus (*Nelumbo Nucifera*) e ao longo de sua jornada, ela plantou-as no solo. Depois que ela terminou de plantar, sentou-se no chão e naquele local se transformou em raiz de lótus vermelho e desceu ao solo onde está até hoje.⁶³

Semear é um gesto de possibilitar gerir, um elo na corrente de vidas e gerações; fica clara então a simbologia de peças de artesanato comportarem-se como sementes, um paralelismo e um encadeamento que reconecta ciclos que vêm e vão. Donna J. Haraway defende que nós, filosófica e materialmente, somos húmus (adubo), viemos da terra, nos alimentamos com aquilo que ela provê, até que voltamos para ela. Somos compostagem do ecossistema terrestre, “Somos humus não homo”.⁶⁴

Completa Hobbes Danyari:

“Tudo surge do solo - linguagem, pessoas, emu, canguru, grama. Essa é a lei.”⁶⁵



57. Untitled, pintura 21 x 38
Shen Mei (1947)

⁶¹ Os Ngolokwangga (também conhecidos como Malak Malak) são um povo aborígine australiano do território do Norte.

⁶² No texto original, em inglês, Matthew Hall (2011) descreve a flor como ‘lily’- lírio - porém o nome científico aponta para a *flor de lótus* vermelha.

⁶³ Hall, 2011

⁶⁴ Haraway, Donna J. (2016). *‘Staying with the Trouble - Making Kin in the Chthulucene’*. Duke University Press. Durham and London, p.55
Tradução livre do original “We are humus, not Homo”.

⁶⁵ Danyari apud Hall, 2011: 101



59. 'Sementeira Artesanal' enterrando –
arquivo pessoal da autora (2020)



58. 'Sementeira Artesanal' regando -
arquivo pessoal da autora (2020)

'Sementeira artesanal' pretende, portanto, de alguma forma, retratar um ciclo, do campo projetual ao plano de ações desta dissertação, bem como de um tempo caótico que carrega consigo caminhos e descaminhos. Seria desejável que aprendizados adquiridos ao longo desta trajetória pudessem, num novo ciclo, retomar as rédeas da proposta inicial enfatizando ainda mais a interação com a gente do artesanato em novos recomeços, sementes germinadas em outros ciclos.

*'Se não houver frutos,
Valeu a beleza das flores.
Se não houver flores,
Valeu a sombra das folhas.
Se não houver folhas,
Valeu a intenção da semente.'*

Maurício Francisco Ceolin

Assoma-se assim a paisagem, espaço de encontros e trocas, compondo um poema sobre e com ela própria, como se fosse ela mesma a se auto experienciar. A busca pelo animismo da paisagem segue seu curso, um tanto inusitado, assim como em 'Fausto' (2011), filme de Alexandre Sokurov, onde homens dilaceram corpos à procura da alma.



60. Cena do filme 'Fausto'
Alexandre Sokurov (2011)

Em contraste a isto, a artista vê-se cúmplice a entregar protagonismo para a natureza, torna-se sua ferramenta a emprestar-lhe mãos artesãs para alguns retoques artísticos, para expressão e manifestação de pensamentos e sentimentos próprios: uma celebração de perfeita consonância e relação de simbiose criativa. A *Anima Lírica* é um estado de alma onde confluem dois lirismos; atravessa o campo filosófico, no plano das ideias, culminando no plano do lirismo.

O projeto e sua execução passam por algumas modificações, adaptações programáticas estas que acabam se tornando como ramos diversos da mesma planta-ideia ligadas e saídas do mesmo rizoma. Relegada somente ao plano de intenções, a arte relacional não é ignorada simplesmente, mas sim, levada a cabo de forma representativa e simbólica, sem a presença física da gente do artesanato, somente à distância na planificação conjunta das ações, em ideias e sugestionamentos. Tal aglutinação de trajetórias pode ter seguido a lógica da síntese hegeliana que se afigura na forma de nova tese com a celebração da *anima lírica* como uma nova vertente do mesmo processo de singularização.

Uma transição forçada do coletivo para além do individual ensimesmado até ultrapassar a barreira do consciente para adentrar sua essência, guiada pelo animismo da paisagem, acaba por compreender esta como ativa copartícipe do processo criativo. Tal empreitada permeia enfim sua personificação, desconstruindo estereótipos e transpondo-a da posição de simples palco ou cenário para a de agonista e protagonista numa condição e estatura de uma autêntica personalidade artística. A individuação legal parece sim abrir portas para explorar novas territorialidades metafísicas e poético-artísticas, uma verdadeira desterritorialização de amarras criativas. Em companhia dessa pessoa artística, o roteiro de viagem está traçado.

CONFESSO QUE VIVI

considerações finais

Incidentalmente, este trabalho defronta-se com a concepção das três ecologias de Guattari⁶⁶, quais sejam, a das relações sociais, a do meio ambiente e a da subjetividade. Em consonância com a linha argumentativa aqui desenvolvida, acresce-se um quarto elemento para compor, quem sabe, a ecologia jurídico-artística, ideia-passaporte para as viagens com a personalidade artística da paisagem.

É constatação pessoal que, para além do audiovisual que funde cinema e vídeo, não há formato mais versátil e ágil do que ele para retratar o momento, o instante histórico de existências; perpetuar imagens e sons e escutar a voz das testemunhas do tempo. A pesquisa etnográfica enseja um exercício ideal de buscar verdades sociais *'in loco'*, em interações de acolhimento e familiaridade, confidências e espontaneidade.

Entrementes, logo no início dos trabalhos, segue-se um momento distópico nas relações humanas, um recolhimento forçado a hostilizar o contacto social, ações conjuntas descartadas, gregarismo relegado quase à ilegalidade, 'relações de vizinhança reduzidas a sua mais pobre expressão'⁶⁷. O ostracismo do retiro físico imposto parece estagnar o pensamento e nada sugerir para dar rédeas ao projeto.

Dominada pelo imobilismo paralisante e por questionamentos e angústias pessoais, Vascões ressurgiu como uma possibilidade renovada de trabalho, uma retomada do fio da meada, um alavancar da ideação quase roubada. É por isso que as viagens para o universo natural, mormente em desconsolo, revestem-se de feições e configurações cheias de experimentações, epifanias, estado de alma em profusão de memórias afetivas e buscas pelo acalanto. Maquinalmente, busca-se reinventar maneiras de ser,

⁶⁶ Guattari, 2001

⁶⁷ Ibid.: 8

alteridades em transformação, 'mutações existenciais que dizem respeito à essência da subjetividade'⁶⁸.

A experiência da pesquisa etnográfica, um estudo sociológico-antropológico e uma jornada audiovisual deslumbrante, embora inacabada, acaba por se tornar fator determinante para que a mente da autora seja contagiada pelo fascínio transcendental do que a figura da pessoa do artesanato representa. Como numa epifania, tais encontros parecem remeter a imagens ontológicas da existência humana, evidenciando uma vivência coletiva aos moldes de um passado até então recente a ter possibilitado encontros físicos eivados de simbologias e sentidos de vida. Uma nostalgia não somente de um tempo ido, mas de toda uma cosmologia, de preferência a dos povos indígenas, além de tudo o que representam, remanescentes vivos dos primeiros artesãos a habitar o planeta.

'Retalho de Pedras' tenta insinuar esse contexto de fissuras intrínsecas ao indivíduo, partes-metade em estranhamento e distanciamento progressivo entre o ser e sua essência, entre o ser e o seu ser social, em não desunir mais ainda os geograficamente vizinhos e, na verdade, compartilhar uma renovada experiência de humanidade. É Guattari ainda a sugerir 'reconstruir o conjunto de modalidades do ser-em-grupo'⁶⁹, a fazer 'funcionar práticas efetivas de experimentação tanto nos níveis microssociais quanto em escalas institucionais maiores'⁷⁰. Pois é exatamente nesta linha de raciocínio que a autora vislumbra, em contexto involucral de aglutinação, um título a definir a nova condição dos elementos e do conjunto da paisagem natural: 'personalidade artística'.

No esteio da tendência mundial de se reconhecer juridicamente o '*status*' de cidadania a rios e demais elementos da Natureza, aliada à prática ético-política da ecosofia mental de Guattari, com experimentações e reinvenções dos diversos níveis de relações intrínsecas e com a alteridade, é possível sim explorar novos papéis dentro da conjuntura do processo criativo, somando-se a

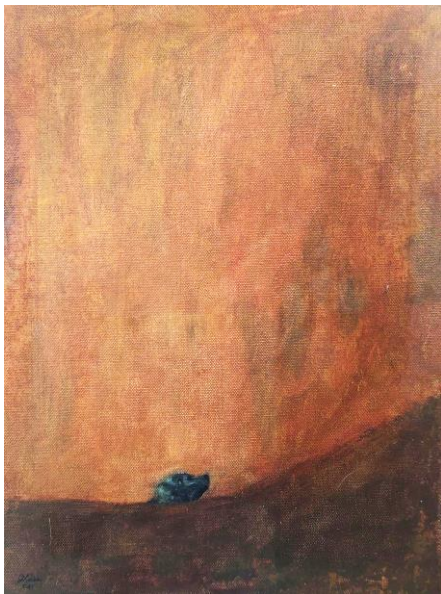
⁶⁸ Ibid.: 16

⁶⁹ Id. Ibid.: 16

⁷⁰ Id. Ibid.

linguagens e formatos antes estanques, configurações até há pouco inconcebíveis e imprevisíveis. Trata-se, na verdade, de a pós-modernidade dar guarida a anseios e respostas, de brindar protagonismo à musa, pincéis e tintas na mão, a quatro mãos; um fazer artístico brincante, em confluência de parcerias. Viagens na minha terra, territorialidades sem confins.

Diante de limitações pontuais à consecução do planejamento original, ou seja, arte coletiva com participação ativa dos artesãos, testam-se possibilidades de arte com caráter relacional, não na acepção rigorosa da estética, mas em novas construções, dentro da dimensão da viabilidade e da factibilidade. Apesar de colaborações, discussões, participações individuais e coletivas, o resultado parece não condizer com o que realmente caracteriza arte relacional de acordo com a estética concebida por Bourriaud⁷¹. Embora no plano de intenções desde o início do projeto, reconhece-se, esta forma de arte permite-se um descaminho, com paragens e destinos redefinidos.



61. Pintura "Cão semi-afundado"/
"Perro semi-hundido" - Francisco de
Goya (1821-23) –
Versão de Alexia Sera (2021)

Mudança no roteiro e nos papéis dos atores envolvidos no projeto: de uma posição de pesquisadora, ouvinte e aprendiz no campo do artesanato para, em Vascões, assumir e adensar sua expressividade poética no gozo da liberdade de inventar possíveis. E eis que, impregnada dos saberes ancestrais, a autora vê em si irromper o despertar lírico que a sequência de confinamentos faz aflorar, um desafogar do cão de Goya, redesenhadas maneiras de pensar e olhar o mundo, a se fazer refletir em todas as suas ações intimistas que se seguem.

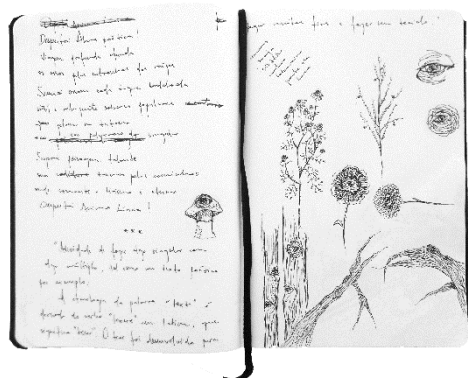
'uma nova onda de fervor invadiu seu coração e uma viva mas rápida claridade dissipou as trevas que lhe oprimiam a alma'

Dostoiévski⁷²

Ressalte-se o que parece nítido para a artista durante o espontaneamente agir, sem limites ao livre pensar: a parceria metafísica com a *Anima Lírica* da paisagem, no caso, de Vascões. A citar, por exemplo, 'Tecendo Briófitas e Metapoemas

⁷¹ Bourriaud, Nicolas (2009). *Estética Relacional*. Martins Editora Livraria Ltda, São Paulo

⁷² do livro 'O Idiota' de Dostoiévski, 1898: 232



62. diário de bordo - arquivo pessoal da autora (2020)

Simbióticos' parte líricamente de um convite da mata a sugerir repassar os primeiros gestos protagonizados pelos pioneiros neolíticos na arte da tecelagem. 'Ossom' é a celebração da vida a perpassar passado e presente sobre o mesmo solo, o mesmo canto eólico a tilintar simbologias atemporais, fluxo num continuum de vidas que vêm e que vão. Não se busca reconstituir esqueletos, mas sim reestruturar arcabouços mentais, movendo-se sempre além das limitações do pensamento pré-formatado, num gesto deliberado contra a padronização 'ossificada' dos comportamentos⁷³.

Com colaboração decisiva e ativa de Rafael Barros, presente em todas as etapas dos trabalhos, 'Retalho de Pedras' expõe a cisão, antagonismos e processos de singularização a gerar problemáticas ecológicas⁷⁴; o gesto de 'costurar o rasgo', unir bordas, promover a conciliação, o reencontro, a renovação pela reinvenção, a reestruturação hegeliana para conjuntar novas teses e ideias. É esse jeito brincando, pueril como essência poética, que permite transmutações em que pedra vira sentimento e se machuca; o estanque, uma caixinha de surpresas, o imprevisível, possibilidades ocultas, e o inconcebível, uma irrealdade em transição.

'Sementeira Artesanal' constitui-se na derradeira tentativa de fazer arte relacional com elaborações em grupo, embora à distância via chamadas telefônicas; tem o mérito de contar com a participação ativa, cooperação e apoio dos mesmos artesãos da pesquisa etnográfica; também por marcar uma retomada de contactos, replanificação e consecução do projeto; um arremate de um ciclo de trabalhos que finda.

A estética da arte relacional de Bourriaud encontra no projeto caminho próprio ou derivações determinadas circunstancialmente a explorar alternativas e possibilidades dentro do contexto de socialidades em discussão. Se a realidade, imaginada ou não, pode sim vestir novas roupagens e tomar novas feições a cada mudança, esta é a questão que se apresenta. Com colaborações,

⁷³ Guattari, 2001: 3

⁷⁴ Id, Ibid: 12

discussões, participações individuais e coletivas, mas, sobretudo, em busca de consenso nas diversas planificações, o que se depreende das intensas partilhas com os artesãos, mediums dos saberes ancestrais, é a necessidade de utilização da matéria prima local em total respeito ao princípio de não violar as essências, integridades e integralidades física e metafísica da paisagem; este último aspecto, artística e liricamente, descrita pela autora como *anima lírica*.

'uma nova onda de fervor invadiu seu coração e uma viva mas rápida claridade dissipou as trevas que lhe oprimiam a alma'

Dostoievski⁷⁵

Promover o exercício de buscar 'novas práticas sociais, novas práticas estéticas, novas práticas de si na relação com o outro'⁷⁶ sob a visão guattariana da tríplice ecológica e através de convergências pelas relações simbióticas com a paisagem; da diligência de novos reconhecimentos de cidadania ou de territórios existenciais, como os direitos constitucionais da paisagem; e da expansão da amplitude expressiva da alma, em conluio com a personalidade artística da paisagem. Observar as coisas, do íntimo ao entorno, daquele jeito simples que a arte ensina: o jeito suave e lírico. Por virtude do muito imaginar, transforma-se a musa na própria artista. A travessia poética é, por certo, uma jornada insólita.

'Processo contínuo de ressingularização', dentro da concepção de promover a *heterogênese; assim*, os indivíduos tornam-se capazes de se virem a um só tempo solidários e cada vez mais diferentes.⁷⁷ Registra-se neste trabalho este mencionado aspecto tão bem ilustrativo, justamente no mundo do artesanato, dando-se particular ênfase à singularidade de cada pessoa artesã e de cada peça sua produzida; o que em outro recorte estende-se ao indivíduo global, todo o conjunto em busca de identidade própria, seu pertencimento, seu rizoma. É do espectro da reconquista da singularidade perdida que decorre a prática e

⁷⁵ do livro 'O Idiota' de Dostoievski, 1898: 232

⁷⁶ Guattari, 2001: 55

⁷⁷ Id, Ibid: 55

valorização das diversidades humanas para, a partir desta premissa, reconhecer todos os seres vivos em equidade humilde e em profundo respeito. Das complexas inter-relações celulares aos intrincados mecanismos maquímicos e artificializados de regulação das sociedades no conjunto humanidade-biosfera, a conjuntura planetária trafega em rota de colisão com a sua essência mais genuína e intocada. A formação de sujeitos perceptivos a outras realidades além da sua própria é o grande desafio a que se depara. Quiçá um rito de passagem para a pós-contemporaneidade, rimas livres de travessias poéticas.

Por fim, coube a esta dissertação a objetivação e materialização de inquietações que de longe espreitam possibilidades de expressão do íntimo do ser-autora. Expressão poética de cunho confessional eivada de ostensiva emotividade, as viagens, o animismo, as revoluções judiciais, os rizomas, o artesanato e as relações simbióticas servem de base e inspiração para o desenvolvimento de um olhar horizontal rumo a uma coexistência cada vez mais transversal, coletiva e harmoniosa com as diversas territorialidades. A arte permite extrapolar o real, também o irreal, ao perceber situações por ângulos variados de forma propositiva a inéditas funcionalidades.

A utilização da primeira e terceira pessoas ao longo do texto traduz em parte essa tentativa lúdica de apessoalização ou de desautoria a viabilizar coprotagonismos ou novas relações participativas em universos possíveis e multifacetados. As próprias qualificações da autora, ora pesquisadora, cientista social, etnógrafa, ora artista-artesã, performer, etc, dão bem o tom de quão diversas configurações e composições utiliza-se a eu lírica, ou *anima lírica*, enfim, a alma poética, para sua expressão. Os tempos verbais também ganham um certo ar de atemporalidade onde presente e pretérito confundem-se com limites pouco definidos, ambos liricamente, passados do porvir.

Esta viagem começou por vender meu diabo à alma e, longe de ter encontrado seu destino final, depara-se com a *anima lírica* da paisagem a redimensionar o meu próprio existir e cohabitar.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS CITADAS.

Beardsley, John (1989). *Earthworks and Beyond*. Cross River Press, Ltd. 2nd ed. New York.

Benardi, Bernardo (2007) [1974]. *Introdução aos Estudos Etno-Antropológicos*. Edições 70. Lisboa

Borges, Adélia (2012). *Design + Artesanato: o Caminho Brasileiro*. Terceiro Nome. Brasil

Corner, James (1999). *Recovering Landscape as a Critical Cultural Practice*. Princeton Architectural press. New York

Domingues, Álvaro (2010). *A rua da Estrada*. Revista Cidades, Comunidades e Territórios nº 20/21, pp. 59-67

Durand, Jean-Yves org. (2004) *Vila Verde: Uma Etnografia no Presente*. Câmara Municipal de Vila Verde. Vila Verde.

Fauvelle, Natália e Semedo, Alice Lucas (2017). De Território a Paisagem: O que é “Paisagem”? CITCEM- Centro de Investigação Transdisciplinar «Cultura, Espaço e Memória». Porto. In *Genius Loci: lugares e significados | places and meanings – vol 2*: 575-586

Guattari, Felix [1989] (2001). *As Três Ecologias*. (Maria C.F. Bittencourt, trad.) Papyrus Editora, 11ª Edição. São Paulo

Gussoli, Felipe Klein (2014). A natureza como sujeito de direito na Constituição do Equador: considerações a partir do caso Vilcabamba. Artigo Classificado em 1º lugar na XVI Jornada de Iniciação Científica de Direito da UFPR.

Hall, Matthew [1980] (2011). *‘Plants as Persons - A Philosophical Botany’*. State University of New York, Albany, NY.

Haraway, Donna J. (2016). *‘Staying with the Trouble - Making Kin in the Chthulucene’*. Duke University Press. Durham and London.

Herrero, Yayo (2021). Vida: Os Cinco Elementos (V e último). O texto integrou a conferência “Pensar como uma árvore - ética e estética recompõem os laços perdidos com a Natureza”, com moderação de Marta Lança, no âmbito do ping! Programa de Incursão à Galeria Municipal (Galeria Municipal do Porto). em <https://www.buala.org/pt/corpo/vida-os-cinco-elementos-v-e-ultimo>

Krenak, Ailton (2019). *Ideias para Adiar o Fim do Mundo*. Editora Companhia das Letras; 1ª edição. São Paulo

Mauss, Marcel (1993) [1967]. *Manual de Etnografia*. Publicações Dom Quixote, Lisboa.

Melitopoulos, Angela e Lazzarato Maurizio (2011). O Animismo Maquínico. Caderno de Subjetividade - Revistas Eletrônicas da PUC. São Paulo. nº 13: 7-27

Pereira, Lais (2016). Documento e discurso: sobre os inquéritos (à fotografia e ao território). *Revista Práticas da História* 1, n.º 2: 153-175

Pessoa, Fernando Santos (2017). *Intervir na Paisagem*. Editora Argumentum, Lisboa.

Pink, Sarah (2007) [2001]. *Doing Visual Ethnography*. Sage Publications, London, California, New Delhi, Singapore.

Salesse, Emanuel (2004). Verde Paisagem, entre Natureza e Agricultura. In *Vila Verde: Uma Etnografia no Presente*. Câmara Municipal de Vila Verde. Vila Verde.

Serrão, Adriana Veríssimo (2004). Filosofia e Paisagem – Aproximações a uma categoria estética. *Philosophica*- Universidade de Lisboa, Lisboa, nº23: 87-102

Sousa, António Teixeira de (1989). Nota Introdutória In *Artesanato da Região Norte – Traditional and Contemporary Crafts in Northern Portugal*. Campos, Maria Teresa Themudo & Sousa, António Teixeira de (coord.) Instituto de Emprego e Formação Profissional, Delegação Regional do Norte, Núcleo de Apoio ao Artesanato colab. Centro Regional de Artes Tradicionais. Porto, pp. 9-15.

Stengers, Isabelle (2017). Reativar o Animismo. Tradução de Jamille Pinheiro Dias. Caderno de Leituras nº62. Ed. Chão da Feira. Brasil.

Sztutman, Renato (2018). Reativar a feitiçaria e outras receitas de resistência – pensando com Isabelle Stengers. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, Brasil, n. 69, p. 338-360.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS CONSULTADAS.

Aquino, Rita (2016). *Arte Participativa, Mediação Cultural E Práticas Colaborativas: Perspectivas Para Uma Curadoria Expandida*. Repertório, Salvador, nº 27, p.90-103

Baptista, Fernando (2001). Os caminhos da Agricultura Familiar in *Agriculturas e Territórios*. Oeiras: Celta Editora

Bastos, Carlos (1960). *Indústria e Arte Têxtil*. Tipografia Portugália, Porto.

Bianchi, Marilda (2012). *Arte e Meio Ambiente nas Poéticas Contemporâneas*. Universidade de São Paulo, Programa de Pós-Graduação Interunidades em Estética e História da Arte. São Paulo

Bird-David, Nurit (2019). “Animismo” Revisitado: Pessoa, Meio Ambiente e Epistemologia Relacional. *Debates do Ner*, Porto Alegre.

Bishop, Claire (2012). *Artificial Hells – Participatory Art and the Politics of Spectatorship*.

Verso, London.

Boettger, Suzaan (2002). *Earthworks, Art and the Landscape of the Sixties*. University of California Press, Ltd. London, England

Botelho, Nuno (2018). *Assimetrias e Convergência Regional: Implicações para a Descentralização e Desconcentração do Estado em Portugal*. Associação Comercial do Porto

Bourriaud, Nicolas (2009). *Estética Relacional*. Martins Editora Livraria Ltda, São Paulo

Caldas, João Castro (2003). “Estudos Rurais – Continuidades e Rupturas” in Caldas, João Castro & Portela, João (org.) [2003] *Portugal Chão*. Celta Editora, Oeiras, pp.533-539

Cameron-Daum, Kate & Tilley, Christopher (2017). *Anthropology of Landscape - The Extraordinary in the Ordinary*. London. UCL Press.

Carmo, Ricardo (2012). *A Cultura Visual e o Olhar Antropológico*. Visualidades, Goiânia v.10 n°1: 17-37

Carmo, Renato Miguel do (2014). *Sociologia dos Territórios – Teorias, Estruturas e Deambulações*. Editora Mundos Sociais, CIES, ISCTE-IUL. Lisboa

Cruz, Hugo (2015). *Arte e Comunidade*. Edição Fundação Calouste Gulbenkian, Porto.

Domingues, Álvaro (2011). *A paisagem é um estado de Espírito*. Plataforma Barómetro Social. Instituto de Sociologia da Universidade do Porto. <http://www.barometro.com.pt/2011/05/02/a-paisagem-e-um-estado-de-espírito/>

Fernandes, José et al. (2016). *Aldeias de montanha: os problemas, as perspetivas e as propostas, vistos desde as serras da Aboboreira, Marão e Montemuro, no Noroeste de Portugal*. Revista de Geografia e Ordenamento do Território (GOT), n.º 9 (junho). Centro de Estudos de Geografia e Ordenamento do Território, p. 113-137, [dx.doi.org/10.17127/got/2016.9.006](https://doi.org/10.17127/got/2016.9.006)

Foster, Hal (1996), “O artista como etnógrafo” in *O Novo na Arte de Hoje*, MARTE, n°1, Março 2005, tradução de Nuno Castro.

Heider, Karl (1976). *Ethnographic Film*. Austin TX: University of Texas Press.

Kastner, Jeffrey & Wallis, Brian (1998). *Land Art Environmental Art*. Phaidon Press Limited, London.

Kester, Grant H. (2004). *Conversation Pieces: Community and communication in modern art*. University of California Press, Ltd. California

Krauss, Rosalind (1979). *Sculpture in the Expanded Field*. October Vol. 8: 30-44.

Madureira Pinto, José (1985). O espaço social rural in *Estruturas sociais e práticas simbólico-ideológicas nos campos*. Porto: Afrontamento. pp.73-91

Madureira Pinto, José (1981). O espaço social rural: especificidades, funções, transformações (quadro sinóptico). *Revista Crítica de Ciências Sociais*,7/8: 327-328

Martin, Marcel (2005). A linguagem cinematográfica. Dinalivro, 4º ed. Lisboa, Portugal.

Oliveira, Ana Rita da Costa (2020). Eu (também) sou o Bairro: o design e a participação em processos de mudança num contexto de vulnerabilidade social. Dissertação de Mestrado - Universidade do Minho.

Pagliari, Rodrigo. (2019) A Paisagem Rádio-Mapa e o Projeto Radionômada. Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro

Rainho, Rita (2011). FALO arte, falo de político entre nós e o díspar. Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto: Porto.

Rosa, Maria João Valente (2012). O envelhecimento da Sociedade Portuguesa. nº26. Fundação Francisco Manuel dos Santos

Santos, Norberto Pinto dos e Cunha, Lúcio Sobral da (2007). *Novas oportunidades para o espaço rural: análise exploratória no Centro de Portugal*. Imprensa da Universidade de Coimbra. Coimbra.

Sousa, Rute (2019). Práticas Artísticas em Contexto Rural - Cultura para o Desenvolvimento de Territórios Rurais. Relatório de Estágio, Politécnico de Leiria. Caldas da Rainha

Tilley, Christopher & Cameron-Daum, Kate (2017). Art in and from the Landscape in Anthropology of Landscape in *Anthropology of Landscape - The Extraordinary in the Ordinary*. UCL Press, London. p. 234-261

Tuan, Yi-fu [1974] (1980). *Topofilia - Um Estudo da Percepção, Atitudes e Valores do Meio Ambiente*. DIFEL- Difusão Editorial. São Paulo

Zoettl, Peter Anton (2011). *Aprender Cinema, Aprender Antropologia*. Centro em Rede de Investigação em Antropologia. Vol.15: 185-198.

REFERÊNCIAS ELETRÔNICAS.

Alves, Mayk (2021). Giesta é uma espécie de arbusto nativo de Portugal - Agro 2.0 Giesta é uma espécie de arbusto nativo de Portugal Artesanato Câmara Municipal Vila Verde. <http://cm-vilaverde.pt/web/cultura/artesanato>. (Fevereiro 2021)

Borges, Adélia (2020). 'Diluição das fronteiras criativas - um ecossistema de teia colaborativa que nasce'. Palestra na URDI- Feira de Artesanato e Design em Cabo Verde organizado pelo Centro Nacional de Artesanato, Arte e Design (CNAD). <https://www.facebook.com/CentroNacionaldeArtesanatoeDesign/videos/662524604415366>. (Novembro 2020)

Carneiro, Alberto - Topografias Rurais. <https://fasciniodafotografia.wordpress.com/2020/02/19/a-proposito-de-topografias-rurais-de-alberto-carneiro/> (Dezembro 2020)

Cavaco, Cristina (2008). Pessoas e Lugares. Arte em Territórios Rurais. Jornal de Animação da Rede Portuguesa Leader+ II Série, nº47. <http://www.minhaterra.pt/IMG/pdf/jornalpl47.pdf> (Maio 2020)

Centro de Educação e Interpretação Ambiental (CEIA) da PPCB. <https://natural.pt/protected-areas/paisagem-prottegida-corno-bico/infrastructures/ceia-centro-educacao-interpretacao-ambiental?locale=pt>. (Dezembro 2020)

Centro Nacional de Artesanato, Arte e Design (CNAD). <https://www.facebook.com/CentroNacionaldeArtesanatoeDesign/> (Novembro 2020)

Chester, Kate, s.d. Land Art – A Discussion of the Movement and the Artists Involved. <<https://www.katechesters.com/land-art/>> (Dezembro 2019)

Héstia na Infopédia. Porto: Porto Editora. [https://www.infopedia.pt/\\$hestia](https://www.infopedia.pt/$hestia) (Maio 2021)

Instituto de Conservação da Natureza e Floresta (ICNF). <http://www2.icnf.pt/portal/ap/pnpg> (Abril 2020)

Instituto Nacional de Estatística (INE). Residentes Concelho de Vila Verde (2019) https://ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine_indicadores&contecto=pi&indOcorrCod=0008273&selTab=tab0 (Dezembro 2020)

International Rivers, Earth Law Center, Vance Center, s.d. Direitos dos Rios - Um estudo global da jurisprudência dos Direitos da Natureza em rápida evolução relacionada aos rios. <https://www.internationalrivers.org/wp-content/uploads/sites/86/2020/10/DIGITAL-Right-of-Rivers-Report-Exec-Summary-Portuguese-optimized-1.pdf> (Abril 2021)

Isaac, Cristiana Bernardi, (2013) Krajcberg e Oiticica: Precusores da Arte na Paisagem no Brasil. Paisagem e Ambiente, (31) p.125-146. São Paulo. <125-146. <https://doi.org/10.11606/issn.2359-5361.v0i31p125-146>> (Janeiro 2020)

Loren, Lucia - <https://lucialoren.com> (Janeiro 2021)

Namorar Portugal - Lenços de Namorados Vila Verde.

<http://namorarportugal.pt/en/conteudos/conteudo/id/169> (Dezembro 2020)

Nova Zelândia concede 'personalidade jurídica' a rio venerado por maoris

<https://g1.globo.com/natureza/noticia/nova-zelandia-concede-personalidade-juridica-a-rio-venerado-por-maoris.ghtml>. (Dezembro 2020)

Sequeira, Alexandre s.d. Nazaré do Mocajuba. <http://www.alexandresequeira.com/?p=14> (Abril 2020)

Serra, Rita (2019), "Baldio", Dicionário Alice.

https://alice.ces.uc.pt/dictionary/?id=23838&pag=23918&id_lingua=1&entry=24610. ISBN: 978-989-8847-08-9 (Janeiro 2020)

Vlaene, Lieselotte (2017). Ríos: seres vivientes y personalidad jurídica —nuevos argumentos legales en la defensa de los territorios de los pueblos indígenas— *Jornal Plaza Pública*. Universidad Rafael Landívar Guatemala. <https://www.plazapublica.com.gt/content/rios-seres-vivientes-y-personalidad-juridica-nuevos-argumentos-legales-en-la-defensa-de-los> (Março 2021)

Warne, Kennedy, s.d. .Rectificando uma história de injustiça, a Nova Zelândia atribui ao rio Whanganui os direitos jurídicos de um indivíduo. <https://nationalgeographic.pt/historia/grandes-reportagens/2614-rectificando-uma-historia-de-injustica-a-nova-zelandia-atribui-ao-rio-whanganui-os-direitos-juridicos-de-um-individuo> (Março 2021)

FILMOGRAFIA.

Goeckeritz, Issac & Berros, María V. & Crimmel, Hal (2018). *The Rights of Nature: A Global Movement*. Equador, Nova Zelândia e Estados Unidos da América do norte

Guerra, Ciro (2015). *El Abrazo de la Serpiente*. Colombia

Guzmán, Patricio (2015). *El Botón de Nácar*. Chile

Jodorowsky, Alejandro (2016). *Poesia Sin Fin*. Chile e França

Pontes, Joana (2007). *Portugal, um Retrato Social*. Documentário RTP. Portugal

Sokurov, Alexander (2011). *Fausto*. Russia

Tarkovsky, Andrei (1983). *Nostalgia*. URSS

Varda, Agnès (2017). Visajes & Villages. França

Weerasethakul, Apichatpong (2010) Uncle Boonmee Who Can Recall His Past Lives. Tailândia

CONFERÊNCIAS.

Borges, Adélia (2020). Diluição das fronteiras criativas - um ecossistema de teia colaborativa que nasce. Inserida na Feira de Artesanato e Design em Cabo Verde - URDI, organizado pelo Centro Nacional de Artesanato, Arte e Design (CNAD) realizado em Cabo Verde entre os dias 25 e 29 de Novembro de 2020

Moraes, Germana (2018). Perspectiva do Tratamento Jurídico da Natureza nas Nações Unidas e nos Tribunais. Seminário Natureza e Justiça. Auditório da Justiça Federal. Florianópolis. Brasil. Em <https://www.youtube.com/watch?v=LU2heouUm9c&t=1223s>

Peixe, Rita Petrykowski e Nogueira, Rita (2020). Entre arte, raízes e artesanaria: Lucia Loren sobre o pensar as sutis relações da vida, (IFSC) inserida no I Congresso Internacional "Diálogos entre Brasil e Portugal — O ensino artístico que temos e o que queremos" realizado em setembro de 2020 pelo i2ADS

Rainho, Rita (2020). O algodão em histórias de opressão - o que pode o design?. Encontros em Design Contemporâneo 2020 - evento realizado pelo Laboratório de Design Contemporâneo e pelo Departamento e Coordenação de Design da Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação da UNESP. São Paulo, Brasil. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=7vSuFMHZ1PA>

Serrão, Adriana Veríssimo (2021). Territórios representáveis/Paisagens Intangíveis. No âmbito das Conferências Abertas da UC "Representações, Desenhos e Imagens do Território" 'Territórios Representáveis/Paisagens Intangíveis' 11 de Maio de 2021 FLUP <https://www.fba.up.pt/2021/05/05/conversa-com-adriana-verissimo-serrao/>

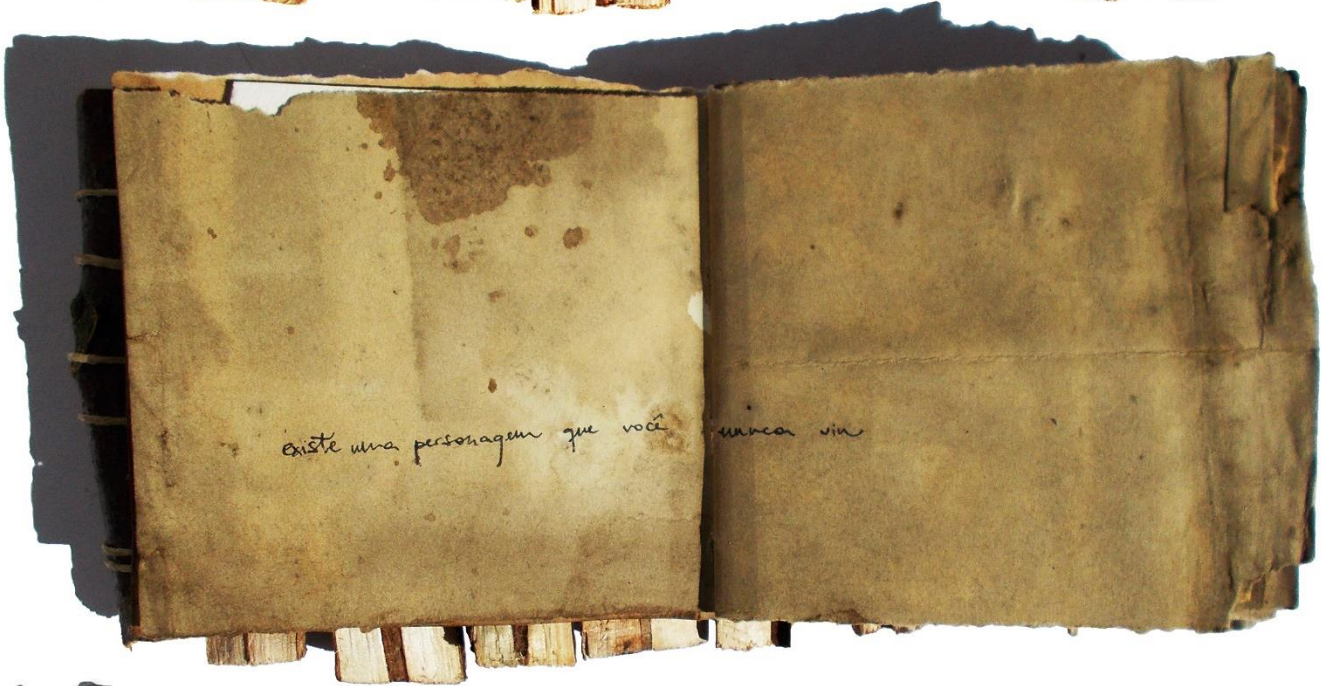
LIVRO DE PROJETO.







Anima Lirica



existe uma personagem que você nunca viu



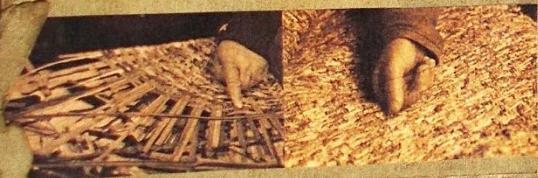
ela é atraída pela intensidade dos sentimentos, quaisquer, desde que forte.

Sua aparência é até hoje uma
 incógnita, mas o que se sabe
 é que nossos olhos lhe servem
 de espelho.

e que cada rodada de aplauso
 das folhas nas árvores anuncia
 o seu despertar.

Sua voz é um murmúrio
 quase imperceptível
 semelhante ao sussurro
 da seda.

Há quem diga que ela utiliza as mãos das pessoas do
 artesanato para a materialização do lirismo,
 transformando o invisível em paisagem.





11 NOV 2020



"isto é para não deixar
acatar a antiguidade!"

11 NOV 2020



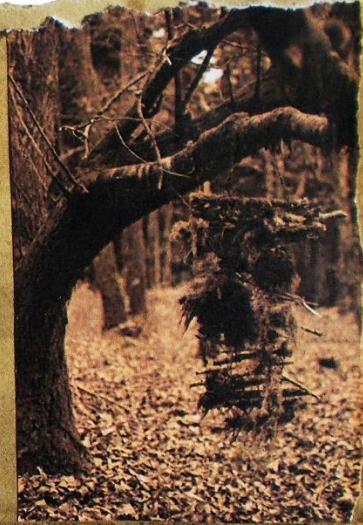
"isto é feito assim
para ficar bonito
com olhinhos e tudo
Domingos

Aflorar o Intinismo e engolir a alma

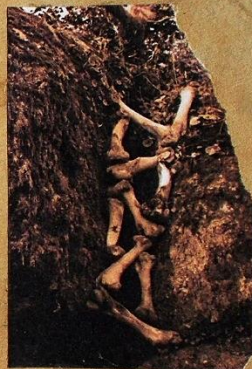




Ossom



Tecendo Briófitas e
Metapoemas Simbióticos



Retalho de Pedras

transforma-se a artista
na paisagem retratada
e a natureza a tomar
a direção de suas mãos
sem mais saber
quem é inspirada
e quem é inspiração



Sentimento Artesanal



Alexia Sera

OBRIGADA

Mipa Raia
Ygon Senda
Rafael Barros
Rita Rainho
Rosinha
Jorge Pinheiro
Cecilia Castro
Domingos Mingos
Real República do Bota-Abaixo
Anima Lirica de Vascões
MADEP MADEP MADEP



* * *